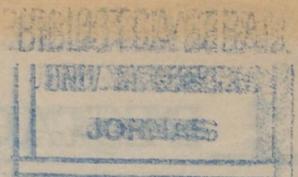


A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra



TERÇA-FEIRA
10 DE FEVEREIRO DE 2004
GRATUITO
ANO XIII
EDIÇÃO N.º 108

“ESCLARECIMENTO E CONTESTAÇÃO”

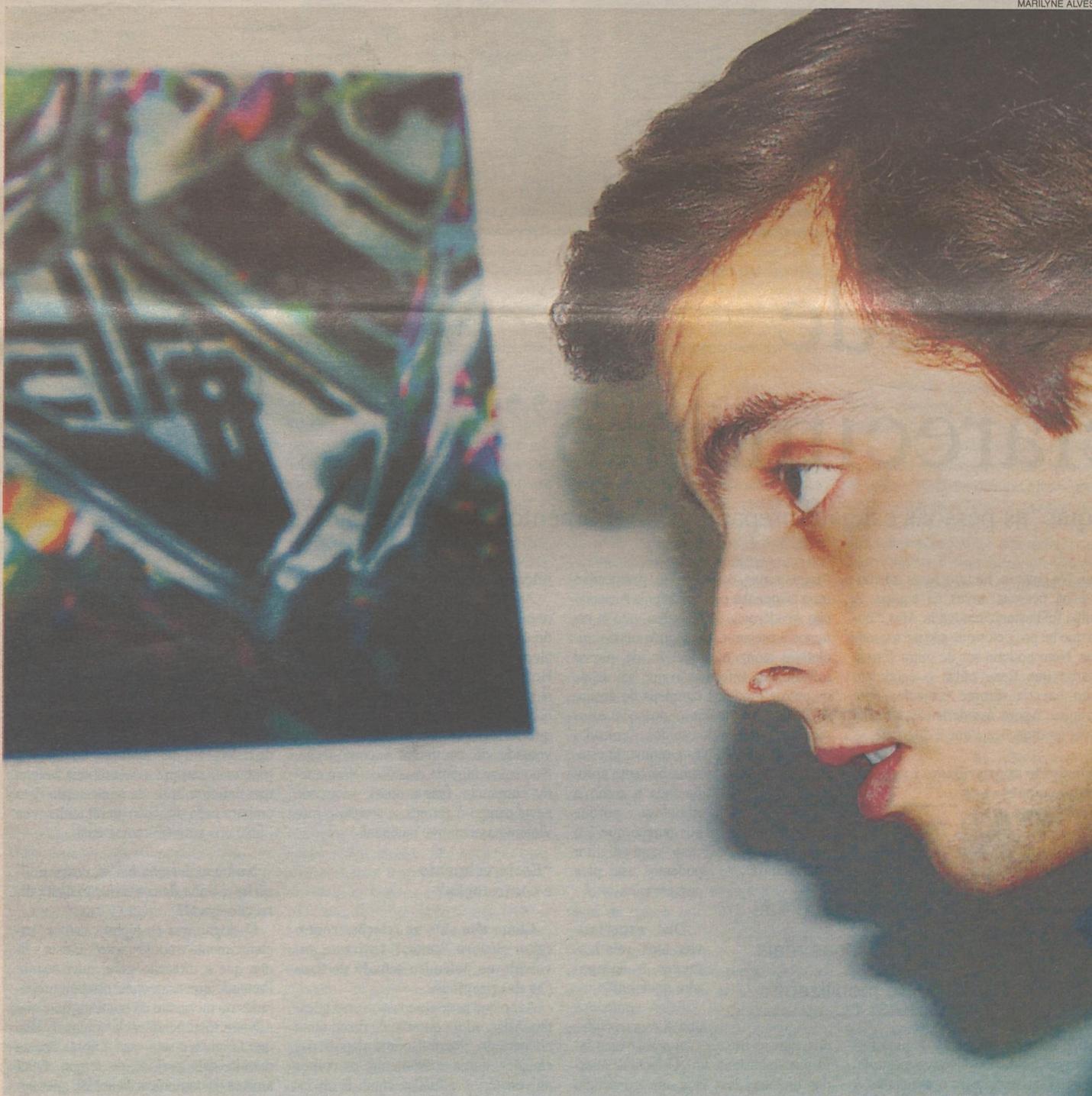
Campanhas de informação são aposta forte da direcção-geral de Miguel Duarte

Investir no esclarecimento para que as pessoas estejam preparadas na altura de contestar. É esta uma das principais linhas orientadoras do mandato do novo presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. Duas semanas depois de ter assumido a presidência, Miguel Duarte fala da estratégia e dos principais objectivos da

equipa que encabeça. Afirma que muitos projectos são para continuar, mas que agora “as lideranças e as formas de ver as situações são diferentes”.

Numa altura em que a Lei de Bases do Sistema Educativo está prestes a ser discutida na especialidade, Miguel Duarte afirma ser necessário que Portugal se aproxime de alguns modelos europeus

em que a diminuição da contribuição das famílias no ensino superior é uma realidade. O dirigente critica ainda a actuação da ministra da Ciência e do Ensino Superior, que acusa de ser acrítica e passiva. Dentro de portas, a aproximação dos núcleos à associação académica é um dos principais objectivos. PÁGS. 2 e 3



MARILYNE ALVES

Ciência

Entrevista ao Prémio Universidade de Coimbra

A primeira edição do Prémio Universidade de Coimbra vai ser entregue no dia 1 de Março ao neurocientista Fernando Lopes da Silva. Com importantes estudos realizados na área das doenças neurodegenerativas, como a epilepsia, o investigador é reconhecido pelos colegas e participa em fóruns e conferências internacionais subordinadas às neurociências. Lopes da Silva vive e trabalha na Holanda há mais de quarenta anos, mas mantém ligações com instituições de ensino superior e de investigação científica em Portugal desde a década de setenta. Em entrevista ao Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, considera que existem “bons grupos de investigação em Portugal”, apesar de ser um “país de pequena dimensão nesse aspecto”. Apesar de já estar reformado, Lopes da Silva não deixou de trabalhar, porque o faz “por gosto”.



PÁG. 11

CAV comemora aniversário

Um ano de Centro de Artes Visuais

O Centro de Artes Visuais/ Encontros de Fotografia comemora no próximo sábado um ano de vida. A exposição “Jemima Stehli” é a sexta do novo espaço da cidade e serve de mote para a comemoração da data. Para trás ficam cinco mostras de sucesso, tanto ao nível dos visitantes como da crítica. O principal problema tem sido mesmo o escasso financiamento do Ministério da Cultura.

PÁG. 12 E 13

Aborto em debate

A interrupção voluntária da gravidez vai ser debatida no Parlamento no próximo dia 3. PÁG. 8

Treinador da Académica em entrevista

Depois de ter trabalhado com Vítor Oliveira, João Carlos Pereira assume o comando da Briosa. PÁG. 16

SUMÁRIO

Destaque	2	Ciência	10
Opinião	4	Reportagem	12
Academia	5	Desporto	15
Universidade	6	Cultura	18
Cidade	7	Artes Feitas	20
Nacional	8	Agenda	22
Internacional	9	Vinte&três	23

Toda a informação que procuras,
constantemente actualizada

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra



“Portugal é dos países em que mais custa estudar no ensino superior”, alerta o presidente da direcção-geral

“A prioridade é o esclarecimento”

Miguel Duarte pretende que “as pessoas estejam preparadas no momento da contestação”

Duas semanas depois de ter tomado posse, o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) fala dos projectos de um mandato que será “de um ano, definitivamente”

**Nuno Braga
João Pereira**

O novo homem forte da academia já tem estabelecidas as linhas do mandato que agora começou. O esclarecimento na área da política educativa é uma das apostas fortes. Miguel Duarte critica a actuação da ministra da Ciência e do Ensino Superior e espera que a Lei de Bases do Sistema Educativo, que se encontra em discussão, seja um documento “que dure vários anos e que passe por sucessivos governos”.

Vens da equipa do anterior presidente da direcção-geral. Encaras este mandato como um mandato de continuidade?

Eu acho que a continuidade é relativa. Há muitos projectos que irão conti-

nuar. No entanto, há uma nova liderança e há pessoas novas na equipa. A equipa foi bastante renovada. Mas é óbvio que há projectos que são para continuar. Nem poderia ser de outra forma. Mesmo que fosse outro o candidato eleito haveria sempre projectos para continuar. Agora, as lideranças, a forma de ver as situações é que é diferente.

Quais são as prioridades e as questões que queres resolver a curto prazo?

A prioridade é sem dúvida o esclarecimento. Neste curto espaço de tempo já tivemos oportunidade de fazer a campanha “Contra Educação”, que foi uma forma de avançar já no sentido do esclarecimento, de uma forma descontraída. O objectivo, nesta fase inicial, foi esclarecer o estudante. A mensagem passa sem ser exaustiva, através da analogia com o “Contra Informação”.

Em termos concretos o que se pode esperar, a curto prazo, das campanhas de informação?

Para já houve esta campanha. Haverá a campanha nacional a partir de dia 16. Depois haverá uma Assembleia

Magna, mas desde já se perspectiva uma campanha produzida pela Associação Académica de Coimbra, que já estamos a preparar. E há ainda outras iniciativas com o objectivo de passar informação. Informação que vai desde os outros modelos europeus de ensino superior e comparar o nosso a esses modelos, através de estudos, nomeadamente da OCDE. Neste momento estamos a estudar de forma bastante aprofundada a reforma irlandesa porque nos parece que é o caso que melhor podemos usar para comparação.

“A Queima das Fitas, feliz ou infelizmente, é o ponto em que as pessoas mais se mobilizam”

dos, parece-me que vai passar uma informação bastante útil. O facto de abordar diversas leis já é um contributo bastante bom. Depois, a nossa campanha local terá mais a ver com dados concretos. A campanha nacional faz uma abordagem diferente: foca o pacote legislativo - lei de bases, de financiamento e da autonomia.

Ainda em termos de associativismo nacional, como perspectivas as relações com as outras associações acadé-

micas ou de estudantes?

Ainda não tivemos oportunidade de reunir em nenhum Encontro Nacional de Direcções Associativas. Também ainda não houve reuniões informais. Houve apenas algumas reuniões nacionais, para trabalhar para a campanha nacional de informação. Para já, aquilo que foi demonstrado é que havia uma vontade de continuar a contestação. Não sei se alguma coisa se veio a alterar entretanto, mas a nossa prioridade neste campo é garantir a coesão o movimento associativo nacional.

“Esclarecimento e contestação”

Como têm sido as relações com o reitor Seabra Santos? Estiveste envolvido no polémico senado de fixação das propinas...

Acho que já se ultrapassou essa questão. Aliás, eu fiz questão de dizer, tanto no período eleitoral como depois das eleições, que a coesão entre os corpos universitários é fundamental. E obviamente também com o reitor, enquanto representante de toda a comunidade universitária.

Uma das questões que mais atritos causou com o reitor foi o recurso a medidas que muitos consideraram extremas, como o uso de cadeados. Durante o teu mandato, haverá abertura para esse tipo de medidas, como

os cadeados ou as greves?

Do meu ponto de vista, a greve não é considerada, mesmo pelos outros corpos universitários, como uma forma extrema de contestação. O uso de cadeados recebeu grandes críticas por parte sobretudo dos docentes e do reitor. Mas a questão é esta: ninguém que seja eleito para a DG/AAC está em condições de dizer: “Eu não farei isto ou aquilo”, porque há sempre a Assembleia Magna que define a linha da contestação. Isto embora cada direcção-geral tenha uma linha, nós também temos uma...

Numa expressão breve, como definirias a linha de contestação desta direcção-geral?

O slogan que eu tenho usado é “esclarecimento e contestação”. É esta a linha que a direcção-geral quer seguir. Pretendo que as pessoas estejam preparadas no momento da contestação e que estejam totalmente esclarecidas. É isso que faremos e será essa a nossa aposta durante este período de tempo. Quer através da comunicação social, quer pelas campanhas, pelos “InformaAcção”, por alguns debates e pelas iniciativas de luta, que acho que são importantíssimas e nas quais vamos apostar definitivamente.

Falaste na definição de linhas de contestação em Assembleia Magna. Há Assembleias Magnas com cerca de mil pessoas que acabam por to-

mar decisões que afectam milhares de estudantes. Como encaras este problema? Achas que é um problema de base da associação académica?

Aquilo que a história nos diz é que a participação nunca vai além de um determinado número. É óbvio que as direcções-gerais têm obrigação de mobilizar as pessoas. Mas uma pessoa que esteja mobilizada não tem que ser necessariamente uma pessoa que vem à Assembleia Magna. Infelizmente as coisas não se passam desta forma. O nosso papel é trabalhar de forma contínua para o objectivo de mobilizar mais e melhor.

Agora, eu lembro-me de quando há algum tempo atrás as magnas tinham 200 pessoas. Portanto, a questão era ainda mais grave. O problema é de base, definitivamente é de base, porque, infelizmente, participação cívica é uma coisa que é cada vez menos cultivada desde cedo. Tudo isto não é um problema que se vive só na Associação Académica de Coimbra. É um problema que se vive no país e que é transmitido de geração em geração obrigatoriamente. Nós, enquanto movimento associativo, e não falo só da AAC, temos uma responsabilidade: responder a esse processo. Não é só mobilizar dentro da academia para as questões da academia, mas sim acabar por ser uma forma de colmatar os problemas que advêm da falta de consciência cívica.

Um dos processos que mais mobilizou os estudantes da AAC nos últimos tempos foi a Assembleia Magna de Voto relativa à questão da Queima das Fitas. Achas que a decisão de realizar a festa pode descredibilizar a luta dos estudantes?

Eu não diria "descredibilizar", mas poderá haver tentativas nesse sentido. É óbvio que o facto de a questão ter estado em cima da mesa dá azo a que muitos "opinion makers" consigam fazer determinadas afirmações que não são as mais favoráveis para nós. O que as pessoas têm que perceber é que a Assembleia Magna de Voto foi uma forma de garantir a participação numa decisão desta envergadura. Nós temos a consciência, e há até inquéritos feitos sobre isso (o Centro de Estudos Sociais tem um), de que a Queima das Fitas, feliz ou infelizmente, é o ponto em que as pessoas mais se mobilizam e que dão mais valor à Queima das Fitas do que até à conclusão do curso. Isto é a realidade! E isto significa que tínhamos de ter a responsabilidade de perceber que poderia ser um processo extremamente fracturante. E mais do que isso, poderia ser prejudicial para a contestação. Poderia criar um fosso incrível entre os que estão mobilizados e os que não o estão. Mas a partir do momento que se pudesse criar um fosso desses, haveria uma ruptura no processo de contestação.

Mas há já planos para politizar a Queima das Fitas?

Há. Estamos a pensar numa série de iniciativas. É óbvio que será algo que terá de ir a Assembleia Magna. Neste momento já houve algumas conversas com a comissão central da Queima para politizar as diversas actividades, mas não é possível adiantar ainda mais nada.

Política educativa

A direcção-geral deu um contributo para a discussão de lei de bases da educação e reuniu com os diversos partidos com assento parlamentar.

Quais são as principais conclusões dessas reuniões?

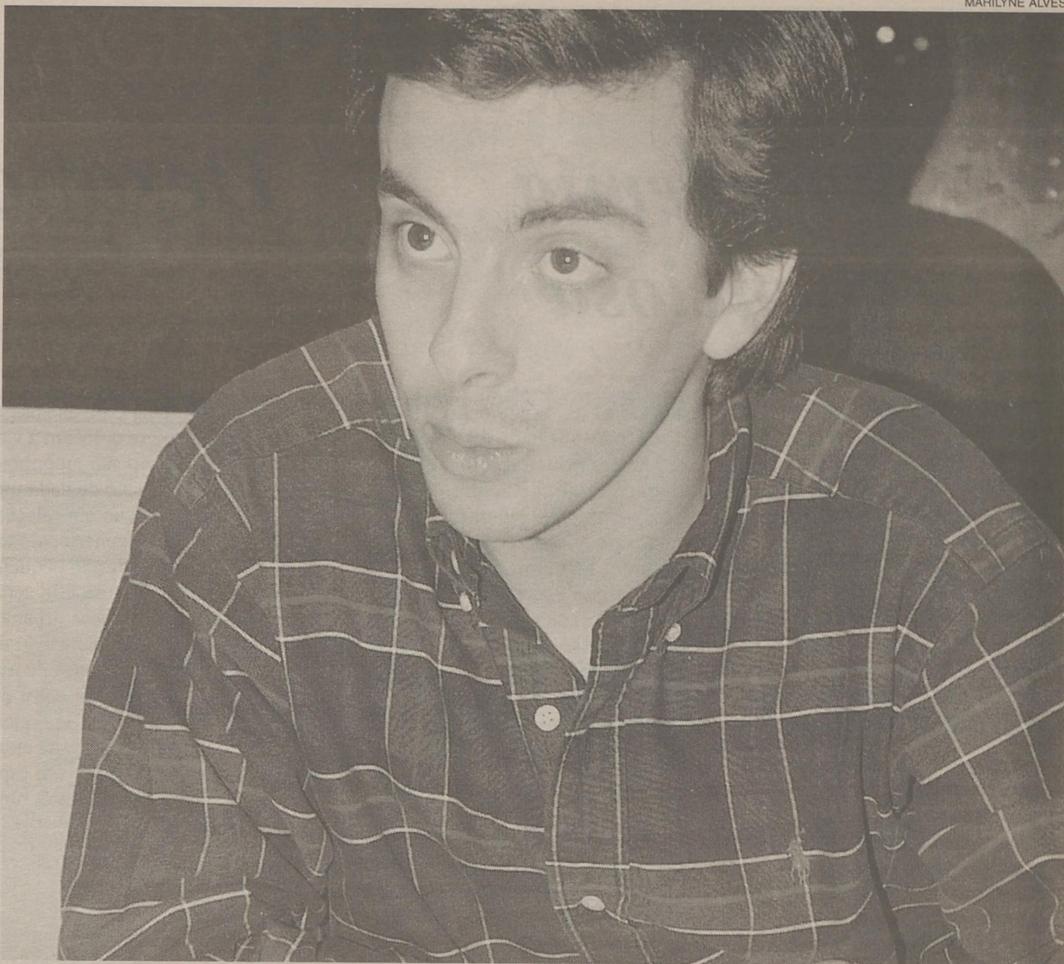
Depois de apresentarmos a nossa proposta para a discussão na especialidade, todos os partidos (com excepção d' Os Verdes, com quem não reunimos por motivos de agenda), se demonstraram abertos à discussão daquela proposta. É óbvio que uns mais do que outros, mas nem mesmo os partidos da maioria disseram que não iriam atentar na nossa proposta. Pelo contrário, mostraram abertura. Porquê? Porque - e é também por isto que a proposta ganha mais relevância - havia uma preocupação entre todos os grupos parlamentares em criar um consenso sobre esta matéria. Ou seja, necessariamente terá que haver uma lei de bases construída por todos e não apenas pela maioria. À semelhança daquilo que foi a última lei, que foi construída com largo consenso, com uma grande discussão pública. Uma Lei de Bases do Sistema Educativo tem que ser uma lei que dure vários anos e que passe por sucessivos governos para que não haja uma instabilidade constante.

Já afirmaste que o sistema educativo em Portugal não tinha maturidade para adoptar a Declaração de Bolonha. Porquê?

Pelo grande problema que neste momento afecta a mobilidade estudantil, e que acaba por ser uma consequência da Lei de Bases do Financiamento: ao estudante acaba por sair mais barato estudar numa instituição privada do que numa pública que fique a vários quilómetros de casa. A mobilidade fica condicionada. Pela disparidade que existe entre instituições, cada uma com uma realidade própria. Por exemplo, como é que se passa um curso de cinco anos como o de Direito para três ou mesmo para quatro? É extremamente complicado... Não há maturidade no sistema para isso. A mobilidade, que é um dos argumentos utilizados para a implantação da Declaração de Bolonha, está neste momento totalmente posta em causa. Tanto a nível nacional como a nível internacional.

Não achas que a não adesão aos princípios de Bolonha poderia deixar Portugal à margem da Europa?

Eu defendo um modelo educativo europeu. Mas isso passaria por uma harmonização entre todos os sistemas, respeitando sempre a autonomia e a cultura de cada país e instituição. Um modelo europeu tem que passar por vários tipos de questões. Nomeadamente o próprio modelo de financiamento e de acção social escolar. São questões que se relacionam com princípios de base de qualquer sistema educativo, como o princípio da universalidade e da gratuidade. E são princípios que têm que ser obrigatoriamente inscritos num modelo educativo europeu. Se analisarmos os modelos da Europa, vemos que a sua evolução tem sido bastante contrária à evolução portuguesa: o desinvestimento, o aumento da contribuição das famílias são coisas que não se têm verificando noutros países da Europa, à excepção dos anglo-saxónicos. Mas mesmo nestes a situação é diferente. Se compararmos os salários, Portugal é dos países em que mais custa estudar no ensino superior. Gosto de pegar no exemplo da Irlanda. Uma das bandeiras do sistema educativo irlandês é a de que este é promotor da equidade. Equidade é uma palavra que nem vem referida nos textos da nossa lei de bases de fi-



Miguel Duarte quer apostar na informação e esclarecimento

nanciamento. Isto levou a construir um modelo que hoje dá resultados. Se a Irlanda vinha adoptando um sistema de aumento da contribuição das famílias, neste momento rompeu totalmente com esse sistema. Também a Grécia extinguiu as propinas. E também é um país com situação orçamental relativamente débil.

Parece-te possível, actualmente, um ensino superior gratuito em Portugal?

Economias também deves como a Irlanda e a Grécia resolverem fazer essa aposta... Agora, há uma realidade em Portugal à qual não podemos fechar os olhos. O facto de termos derrapagens orçamentais no sector público gritantes e um total descontrolo na administração pública. Para além disso, a evasão fiscal atinge níveis impensáveis no resto da Europa. Ou seja, são sectores que estão obrigatoriamente a condicionar a economia. Mas até que ponto devemos cumprir metas orçamentais, pondo em causa sectores estruturantes para o país. Há um sector estruturante para o país que está a ser posto em causa: o ensino superior.

Achas que essa ideia de que o investimento no ensino superior é um investimento no país passa para a opinião pública? Ou esta continua a encerrar os estudantes do ensino superior como uma classe privilegiada?

Há quanto tempo é que o movimento associativo tenta fazer passar a analogia com os outros países europeus? Não me recordo de ver tentativas para mostrar esta analogia como as que se têm feito agora. É preciso falar em estatísticas, falar nos outros modelos europeus, explicar às pessoas que não é nenhuma anormalidade estar a defender o ensino gratuito. Isto é muito importante. Nós, estudantes universitários, que estamos a tirar os nossos cursos, somos os mesmos que vamos contribuir para a sub-

sistência do sistema de segurança social. Quando ouço alguém, como já ouvi, a criticar as manifestações e a dizer que está a pagar os impostos para estudarmos e nós estamos na rua, a minha resposta é clara: são também os estudantes do ensino superior que depois vão garantir a segurança social.

A visão da opinião pública estará ainda reduzida à imagem do "não pagamos"?

A comunicação social passa muitas vezes essa mensagem. Mesmo que esse não seja o discurso dos dirigentes associativos. Adoptam essa mensagem porque é fácil de passar. Isso é errado. E os dirigentes associativos têm que ter cuidado com o seu discurso. A questão não é o "não pagamos", há muitas outras questões.

Altos e baixos

A ministra da Ciência e do Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho, também está há relativamente pouco tempo no cargo. Que balanço fazes deste meses?

Até agora não vi nenhum ponto alto. A actuação da ministra relativamente à legislação que já estava em vigor parece-me ser de continuidade relativamente à linha política deste ministério. Não houve abertura a uma discussão, não se abriu a possibilidade de pôr em causa os documentos já aprovados. Portanto, seguiu a linha que estava já traçada pelo anterior ministro e daí classificar a sua atitude como acrítica e passiva.

E quanto a altos e baixos no mandato de Victor Hugo Salgado? Há alguns pontos que pensas que não foram bem resolvidos e que pretendas melhorar?

É complicado ser juiz em causa própria... Há um ponto que merece algum

destaque, que é a questão da pedagogia. É um pelouro em que este ano se tem de trabalhar melhor. Quanto a pontos altos, acho que o grande passo que demos foi no serviço de apoio ao estudante. Avançámos bastante no projecto do Gabinete de Apoio ao Estudante. A loja do Cidadão Estudante também foi um grande passo. É um dos projectos que neste momento eu mais admiro na associação. A ideia este ano é colocar mais serviços na loja e reformulá-la em alguns aspectos e fazer um balanço da actividade dos últimos três meses.

Estás a pensar num trabalho a um ou a dois anos?

Estou a pensar num trabalho de um ano, definitivamente.

Fortalecer relações com os núcleos

Uma das linhas orientadoras do mandato da direcção-geral encabeçada por Miguel Duarte passa por fortalecer as relações com os núcleos, através da realização de inter-núcleos mais frequentemente. O presidente da DG/AAC admite que no passado houve "coisas que não correram tão bem", como a adopção dos plenários em detrimento dos inter-núcleos. Considera que estes são insubstituíveis e que o inter-núcleos "deve ser um órgão que delibere, quer sobre contestação, quer sobre outras matérias".

Neste campo, uma das metas é aproximar os núcleos à Associação Académica de Coimbra, impelindo-os a discutir, nas reuniões, os mais variados assuntos relacionados com a associação, nomeadamente no que diz respeito ao desporto e cultura. Muitos núcleos "nem sabem quantas secções culturais e desportivas existem", sublinha Miguel Duarte. Assim, "o papel da direcção-geral terá de ser fortalecer esta participação, ligar os núcleos às próprias secções e não agir apenas no campo da política educativa".

EDITORIAL

A academia silenciosa

Após dois anos à frente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Victor Hugo Salgado foi substituído no cargo por Miguel Duarte, até há bem pouco tempo administrador da DG/AAC. Aquela que parecia, à distância, uma aposta na continuidade (como, de resto, o supunha a manutenção de vários elementos do segundo mandato de Victor Hugo Salgado), tem, no entanto, primado por uma nova forma de estar.

Essa nova forma de estar que, para já, parece estar a dar frutos, traduz-se, grosso modo, numa nova forma de encarar a contestação estudantil. Ao contrário de anteriores presidentes que, apesar de apregoarem a necessidade de campanhas de informação da população estudantil e da sociedade em geral pouco apostaram nessa área, Miguel Duarte escolheu precisamente esse sector para se estrear como responsável máximo da mais antiga associação de estudantes do ensino superior. Até agora, com um balanço positivo.

“O certo é que a credibilidade da AAC, após o redondo fracasso da protelada suspensão da Queima das Fitas, caiu a níveis ridículos, quer a nível interno, quer a nível externo.”

Mas, mais importante do que a campanha da “Contra Educação”, que está a ser bem aceite por todos, é o facto de a DG/AAC ter apresentado uma proposta própria alternativa ao projecto-lei governamental para a reformulação da actual Lei de Bases da Educação. Após uma Assembleia Magna de Voto cujo balanço final em favor do movimento estudantil é, no mínimo, muito duvidoso, Miguel Duarte conseguiu, com este documento, relançar alguma credibilidade sobre a academia de Coimbra e os seus objectivos rumo a um ensino superior melhor.

No entanto, o certo é que a credibilidade da AAC, após o redondo fracasso da protelada suspensão da Queima das Fitas, caiu a níveis ridículos, quer a nível interno, quer a nível externo. Além de ter ficado no ar a

questão a que ninguém parece ter interesse em responder - “Porque é que uma Assembleia Magna (AM) regular pode decretar o fecho por tempo ilimitado da Universidade de Coimbra, instituição pública e que envolve vários corpos diferentes, mas não tem poder para cancelar uma simples festa estudantil?” -, ficou também no ar a certeza de uma clivagem latente entre a minoria contestatária e a “maioria silenciosa”.

A expressão “maioria silenciosa” surgiu no seguimento do 25 de Abril de 1974, com o então presidente da República, António Spínola, a apelar à “maioria silenciosa” dos portugueses para se demonstrarem contra a crescente influência da esquerda radical no governo dos destinos do país. Desse pedido viria a nascer então o 25 de Novembro de 1975, para muitos o golpe militar que pôs fim à influência da esquerda militar radical no período revolucionário.

Também na AAC, parece que actualmente se vive uma situação semelhante. Por um lado, temos uma minoria de estudantes, extremamente mobilizados e com perspectivas mais radicais do movimento estudantil, que tem vindo a ganhar um peso enorme nas decisões das Assembleias Magnas, fazendo aprovar moções fortes mediaticamente mas sem utilidade prática (como se pode acusar o Governo de falta de diálogo quando existe uma moção aprovada em AM que impede a AAC de reunir com o ministério da Ciência e do Ensino Superior?) e, por outro, temos uma maioria que, embora pareça não concordar com as actuais políticas para o ensino superior, está longe de concordar com a maioria das deliberações da AM.

É neste sentido que é importante o início de mandato de Miguel Duarte. Rodeado de uma equipa à partida mais moderada e aparentemente mais interessado em medidas de efectiva utilidade do que em medidas de puro impacto mediático, o actual presidente da DG/AAC tem tudo para conseguir estabelecer a ponte entre a ala mais radical e a mais moderada da academia. No entanto, para isso é necessário que diminua o peso do partidarismo político patente na sua equipa e que consiga, sobretudo, (re)ocupar o lugar ocupado por Victor Hugo Salgado na proa do movimento estudantil nacional na recta final do seu mandato. **Emanuel Graça**

Coimbra. Desafios para o futuro?

José António Bandeirinha *

Quando confrontada com as suas perspectivas de futuro, os desafios que se colocam a Coimbra são vários e diferenciados, mas não são autónomos, nem o êxito ou fracasso da concretização de cada um deles em particular será totalmente inócuo em relação aos êxitos ou fracassos da prossecução genérica de todos os outros. Por isso, em vez de se resolverem pequenos/grandes problemas isolados, o primeiro desafio será o do entendimento e da discussão de políticas urbanas integradas, numa estratégia participada de afirmação da cidade. Para que tal aconteça é necessário, antes de mais, abandonar esta ideia de competição absurda entre propostas e motivações desgarradas e conjugar energias e esforços para a melhoria da qualidade de vida na cidade e para a reidentificação dos cidadãos com o seu espaço físico.

Por ordem de prioridades, está, obviamente, o Metropolitan Ligeiro, a única intervenção prevista realmente estratégica, a única capaz de gerar transformações efectivas, em diversos campos de acção, na qualidade de vida dos cidadãos e dos visitantes de Coimbra. A novidade a este propósito é a demissão do presidente do Conselho de Administração da empresa Metro Mondego, facto que, até agora, da parte das entidades responsáveis, a única reacção que gerou foi um imenso e comprometedor silêncio. Nada mais se passa. Estamos, alegremente, a ultrapassar todos os prazos credíveis para que o financiamento comunitário seja possível e a sensação que prescramos é... a do absoluto alheamento. A cidade de Coimbra vai perder o maior financiamento público de sempre, para dinamizar um processo que criará dinâmicas urbanas verdadeiramente passíveis de modificar a qualidade de vida e a própria (in)capacidade da cidade se afirmar e... nada! Rigorosamente nada, a não ser os absurdos comentários do costume.

É uma serenidade que, de resto, contrasta bastante com a celeridade de outras decisões bem mais duvidosas, senão mesmo perniciosas, normalmente relacionadas com a gestão corrente, pontual, desgarrada e sem alcance estratégico.

Vejam. A rapidez e a eficácia com que, dentro de todos os prazos ou talvez mesmo antecipando-os, se entregou espaço público para a mão de privados, para resolver os problemas de financiamento do novo Estádio Municipal. O problema do designado Euro Stadium não é a densificação. O centro de Coimbra carece de densidade, têm-lo dito muitas vezes, o problema é o modo como se densifica, sem conceber estrategicamente os sistemas de acessos e sem salvaguardar a própria qualidade arquitectónica das intervenções. Quando, como é o caso, se vai alienar espaço público para a mão de privados, o mínimo que se deve exigir é uma qualidade de intervenção fora do comum, capaz inclusivamente de ge-

rar pontos de interesse turístico-cultural. Não foi, de todo, isso que se passou no processo do Euro Stadium.

Eterno adiamento, e consequente alheamento, é também o da construção do novo Hospital Pediátrico, obra de responsabilidade governamental e de interesse regional eivada de incongruências político-processuais. A urgência na sua concretização é tal que os cidadãos se retraem de comentar as opções estratégicas, ou a ausência delas, relativas à localização e à organização urbana envolvente.

Tarda também um esclarecimento público, credível e responsável, sobre o que realmente se passou no projecto e na obra da designada Ponte Europa. O silêncio que também pairou no ar e o mutismo das entidades (ir)responsáveis é, para utilizar um eufemismo, escandaloso. Aquele enorme estaleiro que se eterniza, causando óbvias perturbações à vida da cidade, é um memorial. Um monumento erigido em glória da incompetência política, administrativa e técnica. Podíamos talvez propor mudar-lhe o presunçoso nome, glosando uma atitude proverbialmente portuguesa passaria a chamar-se “Memorial do Desenrascanço”.

Mais grave ainda é o que se continua a passar na zona do Choupal, Estação Velha, Campo do Bolão. Frente urbana de importância estratégica crucial, a principal “porta da cidade” continua ao sabor das ondas, sem se saber muito bem se outras intenções existem que não as da alienação, pontual e casuística, de terrenos para responder às solicitações avulsas. Onde está a coordenação dos programas previstos para a zona? Como se estão a quantificar e a sistematizar as complexas especificidades programáticas, nomeadamente pelo que diz respeito à nova estação ferroviária, ao terminal do eléctrico rápido e ao badalado Centro Coordenador de Transportes? Qual o modelo para a gestão urbana desses progra-

mas? Quem vai fazer os planos que integrem todas estas valências?

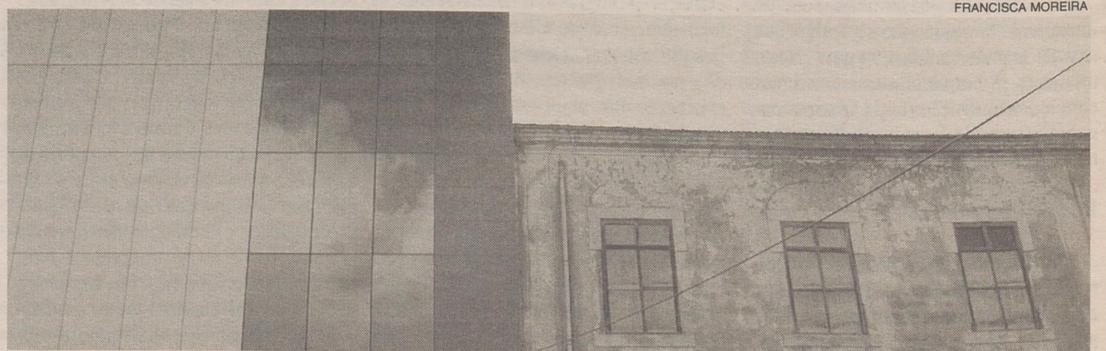
A resposta chegou agora, há pouco mais de uma semana, sob a forma de uma estação de caminho de ferro provisória!!...Para servir a cidade durante o Campeonato Europeu.

Não basta inaugurar Centros de Artes Visuais, Instalações do Cabrita Reis, Teatros da Cerca de S. Bernardo e Pavilhões de Hannover, que já estavam previstos e projectados anteriormente, é necessário dar sinais inequívocos que as coisas estão a mudar, é necessário que se perceba que existe realmente uma estratégia política, social, cultural e urbana para a cidade de Coimbra.

Nós ainda não vislumbramos a existência de uma ideia desse tipo para a cidade.

* Arquitecto e presidente da Associação Cívica - Pro Urbe

FRANCISCA MOREIRA



Informação ataca em duas frentes

Iniciativa pretende preparar manifestação nacional de 24 de Março

“Está na tua mão” é o lema da nova campanha de informação sobre o ensino superior. A iniciativa, que visa sensibilizar tanto os estudantes como a opinião pública de todo o país, arranca no próximo dia 15

**Olga Telo Cordeiro
Margarida Matos**

A campanha informativa “Está na tua mão” é uma iniciativa idêntica à que decorreu durante o início deste ano lectivo (“Será que aguentas?”), mas desta vez assente em estratégias vocacionadas para dois alvos distintos, a comunidade estudantil e a sociedade. Assim, o grafismo, a linguagem e os dados dos boletins informativos e dos panfletos desdobráveis vão ser ajustados ao público a que se destinam. Esta acção, de âmbito nacional, foi uma decisão das diversas direcções associativas do movimento estudantil.

De acordo com o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Miguel Duarte, a campanha “vai centrar-se na sensibilização dos diversos pontos do actual pacote legislativo para o ensino superior, focando não só a lei de financiamento e prescrições”, mas abrangendo “também a lei de bases e a lei de autonomia”.

O dirigente acrescenta ainda que a acção “ultrapassa algumas das lacunas da campanha anterior, ao apostar numa



Campanhas de informação pretendem esclarecer para contestar

imagem mais atractiva”, para chegar mais próximo das pessoas, daí que considere que “esta campanha vai ter sucesso”.

Já o presidente da Federação Académica do Porto, Nuno Reis, espera que a campanha “seja mais esclarecedora que as anteriores”, pois o facto de “se estar a fundamentar mais as posições dos dirigentes associativos através de gráficos e dados concretos mostra que a educação não está a ser tratada como uma prioridade”. Assim, segundo o dirigente associativo, como a campanha “é mais aberta e feita numa linguagem mais clara vai poder mobilizar mais estudantes para futuras acções de protesto”. Desta forma, de acordo com Nuno Reis, esta campanha vem contrariar a tendência

das questões educativas serem discutidas “em moldes muito técnicos e incompreensíveis para a maioria dos estudantes”.

O dirigente associativo acrescenta ainda que o facto da iniciativa visar a sociedade civil “é pertinente”, pois “é necessário aproximar a luta estudantil da opinião pública de forma a conseguir um apoio que pressione o Governo a alterar a política educativa”.

A mesma posição é defendida pelo presidente da Associação Académica da Universidade do Minho, Jorge Cristino, que afirma ser “um dever dos estudantes aproximarem-se da opinião pública”, não só para apontar os problemas do ensino superior como também o desemprego entre os recém-licenciados. Des-

ta forma, o estudante salienta a aposta da campanha na credibilização da luta estudantil, através da divulgação de estudos comparativos do ensino superior em Portugal face a outros países europeus. O dirigente refere ainda a utilização de um site referente à iniciativa que irá complementar o acesso às reivindicações estudantis.

Relativamente ao presidente da Associação Académica de Lisboa, Luis Semedo, a inclusão da AAL nesta iniciativa estará sujeita a discussão na assembleia geral, onde estarão presentes todas as associações federadas na academia de Lisboa.

Campanha coimbrã

A Direcção-Geral da Associação

Académica de Coimbra (DG/AAC) lançou, no passado dia 28, a campanha de sensibilização “Contra Educação”.

A iniciativa inspira-se nas figuras do programa televisivo “Contra Informação”, para criticar a actual política educativa para o ensino superior. Assim, foram distribuídos desdobráveis e réguas (que incluem um mapas de exames e uma banda desenhada), para que, mesmo em tempo de estudo, seja possível cativar a comunidade estudantil para a realidade do ensino superior em Portugal.

Para o presidente da direcção-geral, Miguel Duarte, esta acção “é uma abordagem mais leve que visa elucidar os estudantes para as questões educativas, mesmo em tempo de exames”. No entanto, o dirigente associativo acrescenta que é também objectivo “marcar a imagem forte de futuras acções e sensibilizar os estudantes para o intenso mês que se avizinha”.

Ainda referindo-se às acções locais, o presidente da DG/AAC refere que a campanha passa por focar dados concretos, ao contrário da nacional que é mais abrangente. Outro dos pontos importantes é a apresentação sobre modelos europeus, comparando-os com o sistema nacional, uma medida “importante para o esclarecimento”, adianta.

Para já, até ao início da campanha nacional, a DG/AAC vai avançar com novas acções de informação integradas na campanha interna “Contra Educação”.

Recorde-se que para Março já estão agendadas acções de protesto integradas no movimento associativo nacional, com um período de iniciativas locais entre os dias 8 e 12 de Março, que será uma semana de acção descentralizada, que tem como ponto alto a manifestação nacional do dia 24.

Linha SOS-Estudante cada vez mais solicitada

A linha de apoio emocional continua a ajudar e a apoiar diversas pessoas de todas as faixas etárias

**Carla Santos
Bruno Vicente**

Há na Universidade de Coimbra muitas lágrimas e solidão que, ocultas entre a agitação da vida académica, passam muitas vezes despercebidas. São pessoas desamparadas, perdidas nos seus problemas. É neste contexto que surgiu a 17 de Abril de 1997, pelas mãos de Paulo Carvalho, a linha SOS-Estudante que tem dois objectivos prioritários: o apoio emocional e a prevenção do suicídio.

A nível emocional procura-se fornecer a quem telefona o espaço necessário para exprimir livremente os sentimentos e pensamentos, espaço que muita gente tem dificuldade em encontrar na socie-

dade do dia-a-dia. Por outro lado, a prevenção ao suicídio exige um cuidado reforçado, uma vez que o que leva a essa decisão extrema não é uma causa isolada mas sim uma união de factores: angústia, solidão, depressão.

Seguindo a máxima de actuação da rede internacional em que está integrada, os “Samaritans”, a linha SOS-Estudante tem como principal arma de intervenção o saber escutar até porque, como diz a coordenadora administrativa da linha, e presidente da secção, Catherine Thomati, “o silêncio também ajuda pois a pessoa está para ouvir seja o que for, porque sabe que há ali alguém que está disposto a dar o ombro”.

Simultaneamente, o não aconselhar, nem opinar e julgar cria o espaço necessário para que as pessoas consigam encontrar por elas próprias a solução para os problemas. Falar do que as afecta é por si só uma forma de auto-consciência e contribui para acalmar quem liga.

A linha SOS-Estudante não trabalha isolada e, para além de estar integrada nos “Samaritans”, trabalha também com diversas associações de serviços de

apoio, para onde reencaminha casos específicos. Enquadrada na Universidade de Coimbra (UC) como secção cultural da Associação Académica de Coimbra (AAC) o grupo mantém-se financeiramente graças às receitas que são encaminhadas para as secções culturais. Porém, em certas alturas, são necessários donativos dos próprios voluntários da linha.

Uma vez considerada secção cultural, o grupo organiza debates que se fazem ao longo do ano sobre temas tão cruciais como a morte, a violência, a sexualidade, a solidão, entre outros. Os debates servem também para dar a conhecer a existência dos problemas sociais e para a sensibilização da comunidade para o trabalho que a linha tem vindo a desenvolver. Para esses debates, a UC “tem sido sensível à nossa causa e contamos também com o apoio da direcção-geral”.

Outro objectivo da secção passa pela publicidade. Isto porque a linha SOS atinge não só os estudantes, chegando à população em geral, intervindo em todas as faixas etárias e por todo o país.

Os relatórios de actividades da secção revelam que as faixas etárias que mais

recorreram à linha, em 2003, são a dos 20-25 anos, existindo muitos casos dos 30-50 e idosos que “precisam de uma voz amiga”. Outro facto curioso, é o pico de chamadas ocorrer durante os exames e em Maio, em plena Queima das Fitas. “Enquanto muitos estão em festa, há muita gente a sentir-se sozinha”, salienta Catherine Thomati.

A direcção é composta por seis elementos e a linha conta com 30 voluntários, onde duas vezes por ano são feitas “sessões de esclarecimentos, abertas a toda a gente nas quais se explica o que é a linha”. A coordenadora administrativa acrescenta que após as sessões “as pessoas podem inscrever-se para uma entrevista e aí são seleccionados os candidatos”. Nesta linha “de estudantes para estudantes” a única condicionante é, precisamente, ser estudante universitário. A próxima sessão de esclarecimentos e recrutamento será já em Março ou Abril.

Quem passa pela linha garante que, apesar de não haver remunerações materiais, “é adquirida muita experiência pessoal e verifica-se um consequente crescimento interior.”

O que os números indicam

O aumento do número de chamadas da linha SOS-Estudante espelha o crescimento da actividade desta secção da AAC. Em 2002 registaram-se 2017 chamadas que cresceram para 2134 no ano de 2003. A tendência deste aumento também se registou no número de chamadas da população feminina, que em 2002 foram 622 e em 2003 aumentaram para 726.

Em relação às faixas etárias, salienta-se a que vai dos 30 aos 50 anos, que em 2002 realizou um total de 609 chamadas, número que se ampliou para 618 em 2003. As chamadas podem hierarquizar-se em temas como a solidão (581 chamadas), relacionamento (420 chamadas) e informações (165). Em 2003, o pique de chamadas verificou-se em Maio, Junho e Setembro.

6 UNIVERSIDADE

Instituições passam a escolher candidatos

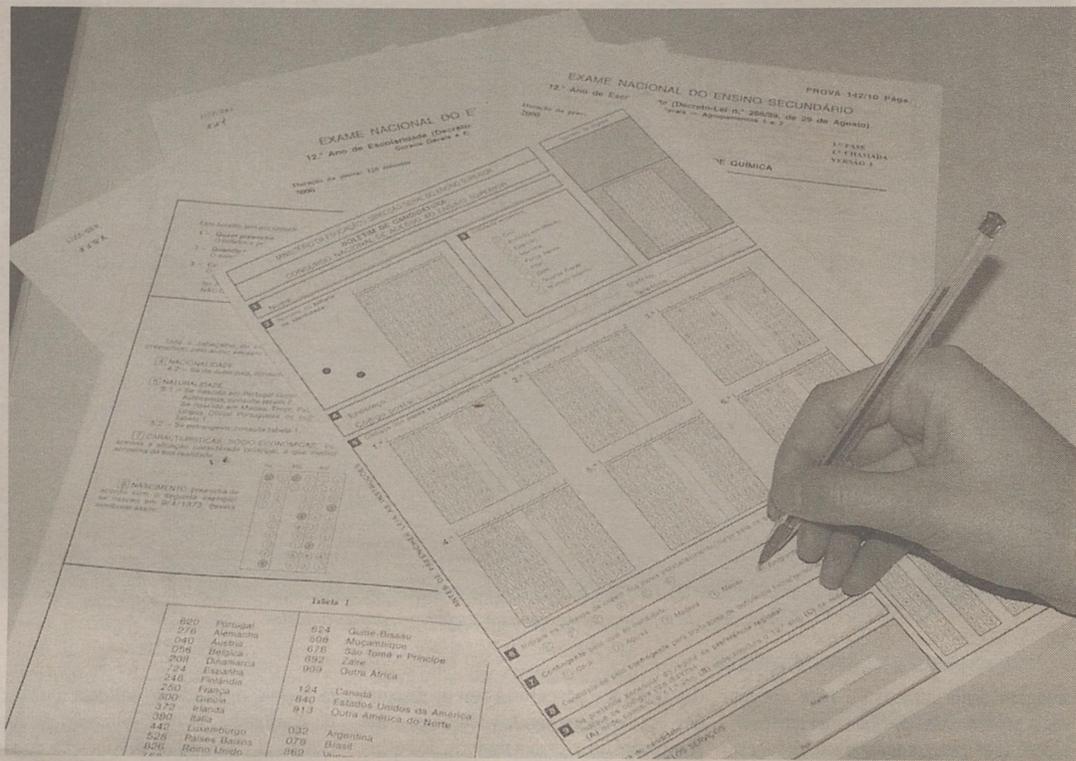
Novo regime de acesso ao ensino superior prevê a extinção do concurso nacional

A partir de 2007 vai ser instituído um novo sistema de acesso ao ensino superior. A ministra Maria da Graça Carvalho já criou um grupo de trabalho encarregue de criar as novas condições de acesso

Tiago Azevedo

As regras de acesso ao ensino superior vão ser alteradas num prazo de três anos, anunciou recentemente a ministra da Ciência e do Ensino Superior. De acordo com algumas das modificações previstas, o concurso nacional será extinto, com cada universidade e politécnico a passar a realizar a avaliação e a selecção dos candidatos, podendo as instituições criar as suas próprias provas de ingresso. Este regime também prevê que sejam as instituições de ensino superior a fixar o número de vagas para os cursos, acabando, desta forma, com os "numerus clausus", uma medida há muito contestada pelos estudantes.

Com a possível implementação destas condições, o regime de acesso será alvo de profundas alterações. Os estudantes que terminam o ensino secundário e que efectuam uma única candidatura, com a possibilidade de se candidatarem a seis estabelecimentos de ensino, passarão, deste modo, a ter de realizar diversas candidaturas que podem exigir a realização de várias provas. De uma forma geral, este regime pode sobrecarregar os estudantes na eventualidade



A extinção do concurso nacional é uma das possibilidades em estudo

de não existir um entendimento na realização de uma prova comum. Isto é, um estudante pode ser obrigado a realizar diferentes provas de ingresso para um mesmo curso facultado por diferentes instituições de ensino.

A ministra da Ciência e do Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho, já nomeou um grupo de trabalho que tem como função analisar o actual sistema de acesso ao ensino superior e proceder às propostas de alteração para a criação de um novo regime. Este grupo deve executar a tarefa visando a entrada das novas regras em vigor em 2007.

Sistema incompleto

Para Miguel Duarte, presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), este sistema, que já é utilizado noutros países, pode, no caso português, "aumentar a disparidade entre instituições". O dirigente acrescenta que este regime contribui para a "elitização de algumas instituições, criando um sistema de primeira e outro de segunda categoria". Ainda referente a este aspecto, Miguel Duarte salienta que pode existir algum facilitismo em relação às provas de ingresso na "procura de auto-financiamento".

O presidente da DG/AAC aponta ainda dois pontos negativos que decorrem da implementação deste sistema. O primeiro ponto relaciona-se com a transferência de competências. De acordo com Miguel Duarte, os cursos de Administração Pública, até agora pertencentes ao Estado, teriam de passar para as instituições, um processo complicado e para o qual as instituições "não estão preparadas". O dirigente refere como segundo ponto a mobilidade estudantil. Este sistema pode ser um "entrave à mobilidade dos estudantes, que são obrigados a fazer vários exames". Esta questão, para além de

"dificultar a vida dos estudantes" pode, em última análise, contribuir para a diminuição das candidaturas.

Também Nuno Rilo, docente no departamento da Engenharia Mecânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e responsável pela área do ensino superior da Federação Nacional de Professores (FENPROF), é da opinião que o novo regime contribui para um sistema dividido em duas categorias, estando algumas instituições relegadas para segundo plano. Neste sentido, afirma que é uma realidade possível as instituições diminuírem "o nível de exigência das provas de acesso para garantirem o ingresso de estudantes". Nuno Rilo fala mesmo do problema que pode incidir sobre as instituições do interior, visto que há uma normal preferência pelas zonas litorais, ficando as outras como opções secundárias.

O docente releva outra problemática que considera ainda mais importante. No entender de Nuno Rilo, seria vital o entendimento entre as escolas para a criação de uma única prova. Se, eventualmente, se concretizasse um regime com uma pluralidade de exames para um mesmo curso, numa mesma área, seria "perigoso para o equilíbrio do sistema". De acordo com o docente, este sistema seria uma sobrecarga para os estudantes e poderia inspirar o factor de facilitismo por parte dos estabelecimentos de ensino.

No entanto, Nuno Rilo acredita que as instituições estariam preparadas para desempenhar o papel de avaliar e seleccionar os candidatos. O docente acredita que as instituições de ensino superior já têm a "maturidade suficiente" para realizar este trabalho, mas que, no entanto, o regime de acesso é da competência do Estado.

A erupção social do movimento estudantil em livro

Estudo sociológico de Ana Drago serve de base ao seu primeiro livro

Gustavo Sampaio

"O Agitar Antes de Abrir - Movimento Estudantil Anti-Propinas" é o título do livro da autoria de Ana Drago, dirigente do Bloco de Esquerda, a ser publicado em breve. A obra consiste num estudo sociológico efectuado pela própria autora no contexto da sua tese de licenciatura sobre o movimento anti-propinas com base na cidade de Coimbra, entre 1991 e 1995.

Segundo Ana Drago, o movimento de contestação às propinas desenvolvido naquela altura, como "forma de protesto social", revelou-se "muito interessante, especialmente porque foi um movimento" capaz de "colocar uma série de questões sobre o papel da educação e a função da educação

na competitividade económica de Portugal". Paralelamente, conseguiu também "quebrar um estereótipo sobre a juventude que havia nos anos 80", segundo o qual "os jovens eram hedonistas, gostavam de consumir, mas não tinham qualquer entendimento político", acrescenta.

"Aquele processo de contestação, por ser liderado em Coimbra por uma lista que fazia de alguma forma a rotura e o corte com a tutela das organizações partidárias, fazendo política mas não política partidária, pareceu-me extremamente interessante e portanto realizei a minha tese de licenciatura sobre esse processo", explica a dirigente bloquista.

Sobre as repercussões que o livro poderá vir a obter, a autora refere que o seu conteúdo poderá ser futuramente "analisado pelas actuais direcções estudantis" com o intuito de obterem informação sobre "um conjunto de mecanismos interessantes de organizar protestos sociais, em matérias como a participação dos estudantes nos custos do ensino superior e o papel do Estado" nessa

relação.

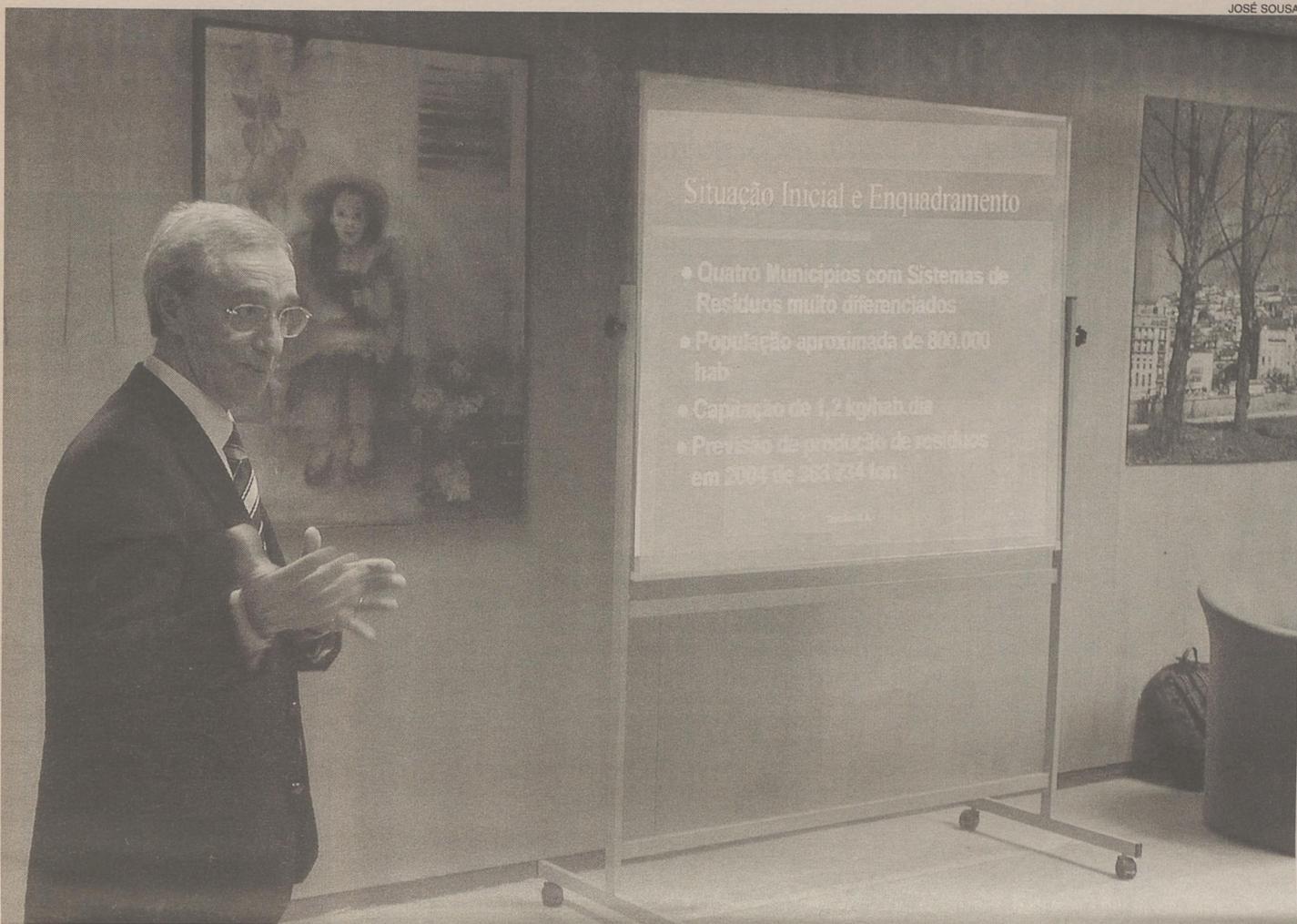
Comparando com o panorama actual, tendo em conta as recentes transformações aplicadas no ensino superior público, entre as quais se inclui um novo aumento do valor das propinas, Ana Drago admite que "a situação política [na altura do estudo] era diferente". No entanto, a autora considera que hoje em dia se "caminha no mesmo sentido", com sucessivos Governos de elevado "grau de autoritarismo" e "total desprezo pelos actores sociais e por outras instituições".

"Lei das propinas"

A 14 de Agosto de 1992 foi publicada no Diário da República a lei nº20, mais conhecida como "lei das propinas", a qual instituiu um aumento do encargo monetário anual dos alunos do ensino superior público. O movimento de contestação a esta medida legislativa "permitiu de facto mobilizar uma massa estudantil que em momentos foi bastante significativa e foi capaz de fazer também um conjunto de alianças institucionais", as quais "foram importantes para sustentar o protesto e para lhe dar legitimidade aos olhos da opinião pública", considera Ana Drago.

A contestação estudantil perante a "lei das propinas" acentuou-se por volta de 1994, com uma manifestação em frente à escadaria da Assembleia da República que terminou com uma violenta intervenção das forças policiais. Na altura o Governo era chefiado pelo social-democrata Aníbal Cavaco Silva. A Associação Académica de Coimbra liderou a nível nacional a contestação às atribuições de propinas.

Actualmente, os estudantes universitários continuam a protestar o valor das propinas, mas agora enquadradas numa lei de financiamento. Depois da aprovação, em 2003, de uma nova lei de financiamento para o ensino superior, os estudantes reivindicam a revogação total da lei, contestando o valor das propinas, a acção social, a atribuição de bolsas, o financiamento a outros subsistemas de ensino, entre outros.



JOSÉ SOUSA

Quercus considera incineração a última escolha no tratamento de lixo

Incineradora em dúvida

Ambientalistas criticam solução e Governo rejeita financiamento de metade dos custos

Assembleia da ERSUC de hoje deve trazer novos desenvolvimentos, mas as autarquias já disseram não ter dinheiro para a obra. A Quercus considera a incineração uma solução a usar em último caso

**Maria João Lopes
Mário Guerreiro**

A propalada possível construção de uma incineradora na região Centro assistiu a novos desenvolvimentos, com o ministério do Ambiente (MA) a negar a participação em 50 por cento da incineradora.

Os 36 municípios accionistas da Empresa de Resíduos Sólidos Urbanos de Coimbra (ERSUC) tinham decidido em assembleia geral requerer ao MA o aumento da participação do Estado de 25 para 50 por cento. Ainda antes do anúncio do MA, a autarquia da Figueira da Foz já tinha anunciado que, caso não se verificasse o financiamento estatal da incineradora em 50 por cento, a sua construção seria inviável.

Durante a assembleia geral, os vários autarcas pediram ao Estado que

seja coerente e que conceda à incineradora o mesmo financiamento que receberam as duas unidades similares em Lisboa (Valorsul) e no Porto (Lipor). Recorde-se que o custo da incineradora deve rondar os 160 milhões de euros.

Alberto Santos, administrador delegado da ERSUC, refere que o projecto da empresa não consagra apenas a incineração como solução para o problema dos resíduos sólidos: "Infelizmente, todas as pessoas lêem o projecto da ERSUC como se fosse de exclusiva queima, quando não é verdade", diz.

De acordo com Alberto Santos, para os ERSUC, "a reciclagem continua em primeiro lugar, com a participação voluntária de todos os cidadãos" da área do sistema multimunicipal litoral centro. De acordo com o administrador desta empresa multimunicipal, o processo de reciclagem vai ser ainda mais potencializado com a entrega, como previsto no projecto ERSUC, de digestores caseiros, "apelando à participação voluntária de cidadãos que tenham condições nas suas habitações para tal". O objectivo da empresa é "reduzir a matéria orgânica logo na habitação de cada uma das famílias interessadas. Depois, no final de todo o processo, há uma quantidade de resíduos cujo destino é a queima para a valorização energética".

Alberto Santos conclui que "dos quatro cenários previstos, o mais barato em termos de exploração do sis-

tema era a valorização dos resíduos". "Esta é a realidade do estudo", conclui.

Quercus defende tratamento biológico-mecânico

Por sua vez, João Gabriel, membro da associação ambientalista Quercus, relembra que, "no ano passado, o Tribunal Europeu deferiu numa disputa legal entre dois Estados da União Europeia que a incineração é o último degrau numa escala de prioridades".

O ambientalista defende que para a região Centro "a solução poderá ser o tratamento biológico-mecânico". Com esta solução, João Gabriel afirma que o lixo tratado pode ser depois usado na agricultura, nas florestas, jardins, etc. João Gabriel menciona que "este sistema beneficia muito se houver separação de lixo em casa". Para o ambientalista, este tipo de separação é muito importante, defendendo por isso que seja feita uma "recolha porta a porta". O activista da Quercus justifica esta preferência pelo facto de "actualmente os ecopontos funcionarem ao contrário. Quem tem um comportamento correcto de separar o lixo, tem muitas vezes de o levar bastante longe, até ao ecoponto mais próximo, que ainda por cima está muitas vezes cheio". Assim, João Gabriel defende que devia ser penalizado quem mistura e beneficiado quem separa o lixo. O ambientalista refere ainda que devem ser adoptadas duas fracções para a reciclagem: "os secos

e molhados". Para os molhados iria a matéria orgânica ("restos de jardins e cozinha, etc"), e para os secos "tudo o resto".

Ainda sobre a questão da incineradora, João Gabriel afirma que esta custa "três vezes mais que um estádio". Referindo-se ainda à questão monetária, o membro da Quercus considera que esta "é a última da lista de prioridades em termos ambientais", sendo que o tratamento biológico-mecânico "não está no topo, mas imediatamente a seguir". Assim, para João Gabriel, não "faria sentido que a União Europeia tivesse taxas de participação iguais". Usando "as taxas de participação que o próprio Governo estabeleceu, que é 25 por cento para a incineradora e 75 por cento para o tratamento biológico-mecânico", este último processo fica "substancialmente mais barato". João Gabriel acusa também a ERSUC de "continuar a insistir no mesmo erro, que é a incineração, pior do ponto de vista ambiental e também mais caro".

Entretanto, hoje realiza-se mais uma assembleia geral da ERSUC e são esperadas novidades sobre este processo. Os concelhos de Anadia, Águeda e Oliveira do Bairro rejeitaram a colocação de uma unidade de queima de lixos urbanos nos seus limites, sendo que agora a possibilidade é Aveiro. Até à data de fecho desta edição, A CABRA não conseguiu falar com o autarca da cidade de Aveiro, Alberto Souto.

Criada Agência para a Promoção da Baixa

Foi constituída na passada quinta-feira a Agência para a Promoção da Baixa de Coimbra, que pretende revitalizar e modernizar a Baixa da cidade. A criação desta agência quer constituir esta área da cidade como um cada vez mais importante espaço comercial, numa altura em que se aproxima o Euro 2004.

Um dos espectros de actuação da agência vai ser a segurança da Baixa, um espaço onde não existe nenhum estabelecimento aberto à noite, como referiu o presidente da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), Carlos Encarnação, durante a constituição formal da agência, no café Santa Cruz. Durante esta cerimónia, o edil referiu ser também necessária uma redução do tráfego na rua da Sofia, uma das zonas da cidade mais problemáticas ao nível da mobilidade.

Algumas das medidas mais imediatas da agência vão ser a homogeneização das campanhas comerciais, além da estipulação dos horários dos vários estabelecimentos e da criação de postos informativos destinados aos consumidores.

Entre os fundadores da agência encontram-se a CMC, a Associação Comercial e Industrial de Coimbra, as juntas de freguesia de Santa Cruz e São Bartolomeu e a Associação de Panificação e Pastelaria de Coimbra.

Ponte da Portela pronta em Março

Coimbra terá em breve um novo acesso pronto. A nova ponte da Portela já está em fase avançada de construção, estando a finalização do tabuleiro prevista para finais de Março.

A obra terá um papel importante na rede rodoviária nacional já que a actual ponte, com 218 metros de comprimento e cerca de 5 metros de largura, foi construída em 1873 e tem sido incapaz de suportar a quantidade actual de tráfego.

A nova ponte sobre o rio Mondego vai fazer parte de um projecto de renovação da rede viária envolvente da cidade de Coimbra. O plano consiste na criação de uma circular complementar à rede existente que permita interligar a auto-estrada do Norte com a Estrada da Beira e com o futuro IC3, que vai ligar Tomar a Coimbra, passando por Condeixa. O custo da nova ponte é de cerca de quatro milhões de euros e é uma aposta no melhoramento da ligação à Estrada da Beira, que tem vindo a ser posta em segundo plano, congestionando ainda mais os outros acessos da cidade.

8 NACIONAL

Aborto volta ao parlamento

120 mil assinaturas entregues a Mota Amaral

A interrupção voluntária da gravidez volta ao Parlamento com o debate no dia 3 de Março dos projectos de descriminalização da lei do aborto, apresentados pela esquerda

Tiago Pereira de Carvalho
Margarida Matos

Na sequência da entrega de mais de 120 mil assinaturas ao presidente da Assembleia da República, Mota Amaral, com vista a tornar possível a realização de um novo referendo sobre a descriminalização do aborto até às dez semanas, vão ser discutidos em sessão parlamentar os projectos de apresentados pelo PS, pelo PCP e pelo BE.

Uma sondagem recente levada a cabo pela Marktest e divulgada pela TSF e pelo Diário de Notícias revela que 71 por cento dos portugueses deseja um novo referendo relativo à questão da descriminalização da lei do aborto, embora o Governo tenha afirmado que não tenciona convocar uma nova consulta popular até 2006, data do final desta legislatura.

Recorde-se que o referendo de 28 de Junho de 1998 teve uma abstenção de 68,1 por cento e que 50,9 por cento dos votantes disseram “não” à questão referendada: “Concorda com a despenalização da interrupção voluntária da gravidez, nas dez primeiras semanas, em estabelecimento de saúde legalmente autorizado?”.

A secretária-geral da Juventude Socialista, Jamila Madeira, afirma que o projecto do PS defende a interrupção voluntária da gravidez até às dez semanas, visto que o próprio Parlamento Europeu aconselhou os Estados-membros a alterarem a sua legislação no sentido da descriminalização do aborto. A deputada refere que graças ao aborto clandestino existente em Portugal, em que as mulheres são compelidas a submeter-se a condições médicas e sanitárias duvidosas, a legislação actual está unicamente a fomentar um mercado paralelo que movimentaria milhares de euros.

No mesmo sentido, a associação “não te privas” - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais - que integrou a organização da petição de assinaturas levada a cabo em Coimbra, nos últimos meses de 2003, por associações, partidos políticos e cidadãos interessados em alterar a lei - defende, nas palavras da vice-presidente Cristina Santos, o direito de escolha. Entende que “cabe à mulher a decisão de interromper ou não uma gravidez até às dez semanas e que essa decisão não deve ser punida pelo Estado, forçando o recurso a um aborto clandestino”. Neste âmbito, afirma que a descri-



Igreja opõe-se às posições dos partidos da esquerda parlamentar em relação à despenalização do aborto

minalização do aborto “não implica, de forma alguma, que a pessoa seja a favor do aborto, nem tão pouco que as pessoas vão passar a abortar mais” e que será necessária “uma maior difusão do planeamento familiar e da educação sexual”.

Por sua vez, Ana Drago, membro do BE, diz ser “necessário acabar com a culpa que é atirada para cima das mulheres desde há décadas e que as leva a serem julgadas e condenadas pela prática do aborto”. Quanto ao debate parlamentar do próximo dia 3 de Março, a deputada considera que as notícias tornadas públicas são pouco encorajadoras, pois, embora o PSD considere que o aborto é uma questão de consciência, dando liberdade de voto aos seus deputados, “Durão Barroso considera que, em nome de uma ligação, o referendo não se deve realizar”, apesar de discordar do facto de as mulheres serem julgadas pela interrupção voluntária da gravidez.

A outra posição

Por sua vez, o vice-presidente da Juventude Social Democrata (JSD), Filipe Nascimento, diz ser favorável à descriminalização da interrupção voluntária do aborto, mas não à sua despenalização. Neste âmbito, refere que mais urgente que

a realização de um referendo, ao qual se opõe, é tentar perceber “porque é que a educação sexual não está a ser transmitida nas escolas como era suposto estar”. Quanto à auto-disciplina de voto, proposto para a bancada parlamentar do PSD neste assunto, Filipe Nascimento mostra-se reticente, uma vez que não vai poder votar, mas realça que “a interrupção voluntária da gravidez é uma questão de consciência”.

Para Luís Marques, psiquiatra e membro da Associação de Defesa e Apoio da Vida (ADAV), a questão fundamental do aborto é saber se se vai “legitimar, legalizar e liberalizar um acto violento que agride a mulher e põe termo a uma vida humana”. Luís Marques discorda da liberalização do aborto pois, “na verdade, as mulheres são frequentemente vítimas de pressões intoleráveis que as levam a abortar, porque se vêem sozinhas, porque são ameaçadas de despedimento, porque não se lhes cria condições económicas para terem mais um filho. Ora, nenhuma destas injustiças se resolve com o aborto. Com o aborto só acrescentamos violência à injustiça”.

O psiquiatra refere ainda que “o problema não está na lei mas no facto de se ir perdendo a percepção do valor da vida”. E afirma: “Os tri-

bunais têm sabido interpretar adequadamente a lei, tratando de forma diferente aqueles que lucram com o aborto e aquelas que sofrem com o aborto. No julgamento da Maia, nenhuma mulher foi presa por se ter feito abortar: todas regressaram a casa”. Este membro da ADAV interroga: “Se a consciência colectiva recusa a pena de morte, porque a havemos de permitir aplicada a seres humanos indefesos e inocentes?”

Já a presidente da ADAV (e docente universitária), Ana Maria Ramalheira, constata: “Dado que todas as fases da vida humana estão interligadas, como é que se pode defender que a dignidade de um embrião é menor do que a de um feto, ou que a destes é nula face à de uma criança?”. Ana Maria Ramalheira prossegue o discurso ao questionar “com que legitimidade ética é que se defende que um bebé de dez ou de 12 semanas não é uma vida digna de ser respeitada? Como permitir que possa ser exterminada arbitrariamente?”.

Assim, a responsável da associação conclui que a solução “para os problemas das mulheres e para evitar o aborto não é a sua legalização, mas o trabalho diário e concreto de apoio a todas as que se encontrem em dificuldades.”

O aborto na lei portuguesa

A primeira legislação sobre a interrupção voluntária da gravidez em Portugal remonta ao ano de 1984, tendo sofrido alterações em 1997.

Diz, neste âmbito, a lei que o aborto é um “crime contra a vida intra-uterina”, punido pelo artigo 140º do Código Penal vigente. De acordo com a legislação, a pena para “a mulher grávida que der consentimento ao aborto praticado por terceiro, ou que, por facto próprio ou alheio, se fizer abortar” é de prisão até três anos. A mesma pena é ainda aplicável a “quem, por qualquer meio e com consentimento da mulher grávida, a fizer abortar”. Para “quem, por qualquer meio e sem consentimento da mulher grávida, a fizer abortar”, a sanção é de dois a oito anos de prisão.

Por sua vez, segundo o artigo 142º (com alterações registadas em 1997), a interrupção da gravidez não é punível quando esta “constituir o único meio de remover perigo de morte ou de grave e irreversível lesão para o corpo ou para a saúde física ou psíquica da mulher grávida”.

De igual modo, a prática do aborto não é punida em situações nas quais “houver seguros motivos para prever que o nascituro virá a sofrer, de forma incurável, de grave doença ou malformação congénita, e for realizada nas primeiras 24 semanas da gravidez”, à excepção de circunstâncias de fetos inviáveis, “em que a interrupção poderá ser praticada a todo o tempo”. Neste sentido, é ainda excluída a ilicitude do acto quando “a gravidez tenha resultado de crime contra a liberdade e autodeterminação sexual e a interrupção for realizada nas primeiras 16 semanas”. Nestas circunstâncias, o aborto deverá ser “efectuado por médico, ou sob a sua direcção, em estabelecimento de saúde oficial ou oficialmente reconhecido e com o consentimento da mulher grávida”.

Descriminalização do aborto significa que este só deixa de ser considerado crime, não impedindo a sua inclusão no elenco de condutas que constituem contra-ordenação e que são, por isso, puníveis com coima. É um conceito menos amplo do que despenalização, que significa que a conduta deixa de ser alvo de pena e que nenhuma mulher poderá ser punida por ter realizado um aborto, nem mesmo com uma coima.

CLARISSA MAGALHÃES

ONU estuda eleições no Iraque

Iraquianos contestam acordo inicial e querem eleições directas gerais

Koffi Annan enviou no sábado uma equipa de peritos ao Iraque para avaliar a possibilidade de realização de eleições livres o mais rápido possível

Filipa Oliveira

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU) destacou uma missão para averiguar as condições do país face à realização de eleições a 30 de Junho. "Tenho muito orgulho em anunciar que a minha equipa chegou agora a Bagdad e vai iniciar consultas com os responsáveis iraquianos e a Autoridade Provisória da Coligação", declarou Koffi Annan.

Estas declarações vêm no seguimento do desejo do Governo de George W. Bush de que a ONU colabore no processo de transição do Governo iraquiano para um Governo legítimo, democrático e reconhecido internacionalmente. Recordou-se que anteriormente o Governo norte-americano avançou para uma ofensiva contra o Iraque sem qualquer resolução por parte da organização.

Adnan Pachachi, presidente do Conselho do Governo Transitório, Paul Bremer, administrador e encarregado norte-americano dos assuntos de reconstrução do Iraque, e Koffi Annan ressaltam que é necessário adquirir mais informações antes de tomar decisões, reconhecendo o clima de insegurança vivido no território iraquiano.

Contudo, o ayatollah Ali Sistani, o clérigo xiita mais influente do Iraque, exige



Paul Bremer vai voltar a contar com a presença da ONU no Iraque, ausente do território desde Agosto

a realização de eleições directas gerais, contestando o plano pactuado entre a Autoridade Provisória e o Conselho de Governo (CG) de transferir o poder para os iraquianos. Milhares de iraquianos saíram às ruas de Bassorá, capital meridional iraquiana, a 15 de Janeiro, manifestando-se contra a actual política americana de transição de poder, reclamando a realização de eleições em condições de total transparência.

Adnan Pachachi, Paul Bremer e Koffi Annan reuniram-se no dia 23 do mês passado para discutir o futuro do país. O motivo de discussão foi a eventual realização de eleições antecipadas exigidas

pelo grande ayatollah, que insiste que o parlamento provisório deve ser directamente eleito pelos cidadãos: "O poder pertence aos iraquianos e não aos estrangeiros", afirma.

Apesar dessa situação, a coligação anglo-americana e o Conselho de Governo Transitório, numa reunião realizada em Novembro de 2003, defendem a manutenção do calendário de transferência de poderes para os iraquianos na data prevista.

Desta forma, a transferência de poder enfrenta grandes desafios. Se se criar eleições directas, a facção xiita, maioritária no país iraquiano, terá superioridade

absoluta nas eleições, o que pode provocar guerras civis, visto que os curdos do norte pretendem um sistema federativo para poder assegurar os seus direitos, ganhos durante a guerra do golfo de 1991.

A elaboração da lei básica é tão complicada como a elaboração de uma constituição do país. A coligação anglo-americana quer que a lei básica inclua liberdades de expressão, de religião, igualdade de todos sem excepção do sexo, religião e etnia e garantir os processamentos legais. Estes artigos são passíveis de provocar divergências entre diversas facções religiosas, etnias e tribos iraquianas.

Novas conversações para o Chipre

Dividido desde 1974, o Chipre tem esta semana mais uma oportunidade para uma possível reunificação

Hélder João Pinto

Começam hoje em Nova Iorque novas rondas negociais para tentar reunir a ilha de Chipre. Convocadas pelo secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, surgem num momento fundamental para o futuro da ilha que deseja integrar proximamente a União Europeia (UE).

A entrada desta pequena ilha na UE está dependente da reunificação. Se não existir um acordo de reunificação até lá, somente a parte sul da ilha, sob jurisdição grega, e aceite internacionalmente, poderá tornar-se membro da UE.

Rauf Denktash, líder da República Turca do Chipre do Norte, já afirmou que pelo menos iria debater o plano de Annan, mas mantém algumas reservas, pois diz que esse mesmo plano possui lacunas e obstáculos. Kofi Annan pretende a "aceitação incondicional" de quatro pontos: o cumprimento dos prazos das conversações, isto é, o acordo no final de Março e o referendo em Abril; a "demonstração de boa vontade" no diálogo; a possibilidade de Annan resolver "assuntos pendentes" e a aceitação das partes em submeter o plano da resolução da crise a um referendo.

A reunificação do Chipre interessa à Turquia, que durante anos apoiou a república proclamada por Denktash, e receia que a sua própria pretensão de aderir à UE não seja aceite enquanto não se verificar a reunificação da ilha. Receios esses já confirmados pelo presidente da Comissão Europeia, Romano Prodi, numa recente visita que fez àquele país.

Ancara ainda mantém pelo menos 30 mil soldados a aguentar o regime separatista de Denktash, não se sabendo quando é que tenciona retirá-los.

No fim de Dezembro passado, cerca de 30 mil cipriotas turcos manifestaram-se contra a política de Denktash em relação aos cipriotas gregos e uma semana depois Ancara informou que não continuaria a apoiá-lo contra as Nações Unidas, Washington e a UE.

Denktash tornou-se presidente do Estado Federado Turco do Norte de Chipre depois do Exército da Turquia ali ter entrado em 1974, como reacção a uma tentativa da comunidade grega de se associar a Atenas. Em 1983 proclamou-se chefe de uma República Turca do Norte de Chipre que apenas Ancara reconheceu, mantendo-se intransigente até há pouco tempo, quando o seu próprio filho, Serdar Denktash, aceitou que se formasse um Governo de coligação chefiado por Mehmet Ali Talat.

A coligação criada é liderada pelo Partido Republicano Turco, de Talat, e pelo Partido Democrático, de Serdar Denktash, que ultimamente se distanciou da intransigência mostrada pelo pai. Uma vez reunificada, a pequena ilha de Chipre terá uma população total de aproximadamente 810 mil pessoas e a possibilidade de atrair muito mais turistas e investidores.

Novo atentado atinge Moscovo

A capital russa sofreu mais um ataque não reivindicado. Putin não deverá sofrer nas preferências eleitorais

Pedro Costa Gomes

Um atentado no metro de Moscovo na passada sexta-feira, à hora de ponta, fez pelo menos 39 mortos. O comboio tinha acabado de sair da estação de Paveletskaya, uma das principais da cidade que tem o metro mais movimentado do mundo. A polícia continua sem saber se na origem da explosão estará um ataque suicida ou um saco com explosivos deixado numa das carruagens. Os destroços da bomba não continham partículas metálicas, comuns em bombas de suicidas por provocarem mais vítimas.

Sem qualquer reivindicação, Vladimir Putin não hesitou em responsabilizar os separatistas tchetchenos, em particular o seu principal líder, Aslan Maskhadov, pelo atentado. "Não precisamos de nenhuma confirmação directa. Estamos

certos de que Maskhadov e os seus rebeldes estão ligados a este terrorismo", afirmou. Ex-oficial de artilharia russa, o homem acusado por Putin foi presidente da república separatista entre 1997, após a derrota infligida aos russos, e 1999, ano em que começou a segunda guerra tchetchena. Maskhadov diz-se contra métodos terroristas para lutar contra as forças russas. Em entrevista a uma agência russa a partir de Londres, Akhmed Zakayev, o seu principal representante, negou qualquer envolvimento e condenou o ataque.

Um outro tchetcheno, Shamil Basayev, senhor da guerra radical que alegadamente esteve por detrás da operação terrorista no teatro Doubrovka, em que morreram 129 reféns, poderá ter sido o mentor do atentado da passada semana. Basayev é um recrutador de "viúvas negras" - mulheres e mães de tchetchenos mortos por militares russos mobilizadas por rebeldes para se tornarem bombas humanas.

Entretanto, Putin afirma que poderá ter sido visado pela bomba detonada no metro: "Não excluo que isto possa ser usado em debates na campanha para as eleições e para pôr sob pressão o actual

chefe de Estado". Com uma popularidade acima dos 70 por cento, Putin é apontado como o grande favorito das eleições presidenciais de 14 de Março.

Moscovo tomou-se num alvo preferencial para ataques terroristas. Em Dezembro, uma bombista suicida provocou cinco vítimas mortais junto ao Kremlin. Em Julho, duas outras bombistas fizeram-se rebentar num concerto de rock, matando 14 pessoas, e um agente dos serviços secretos morreu ao tentar desarmar uma bomba deixada no centro.

O início das violentas explosões em Moscovo remonta a 1999, quando mais de duzentas pessoas foram mortas no reventamento de blocos de apartamentos na capital e em outras duas cidades. Vladimir Putin era então primeiro-ministro. Dois guerrilheiros tchetchenos foram detidos mas os rebeldes alegaram que teriam sido as forças russas a colocar as bombas. Apesar de na altura não terem existido provas de envolvimento tchetcheno, os atentados deram a Putin o pretexto para lançar uma segunda invasão da república caucasiana. Alguns sucessos iniciais nessa campanha militar acabariam por facilitar a vitória do actual chefe de Estado nas presidenciais.

Explosão em Moscovo

Um bombista suicida atacou o metro de Moscovo na hora de ponta, sexta-feira, matando pelo menos 39 pessoas e ferindo outras 122



Avtozavodskaya: Ataque bombista ocorre quando o comboio se desloca para a Estação de Paveletskaya. Mais de 700 passageiros evacuados

© GRAPHIC NEWS

10 CIÊNCIA

PEDRO COSTA GOMES



Investigadores utilizam culturas de neurónios de embriões de ratos para simular lesões no tecido cerebral

Reitoria divulga saberes

Nuno Braga

A Reitoria da Universidade de Coimbra dispõe de um novo serviço, o Gabinete de Apoio às Transferências do Saber (GATS). O reitor Seabra Santos espera, com esta iniciativa, “reforçar as relações da Universidade de Coimbra (UC) com a sociedade”, quer sejam empresas, autarquias, entidades públicas ou mesmo a população, de modo a que o conhecimento seja transmitido e não arquivado.

O gabinete, criado pela actual equipa do reitorado, tem como principal missão, segundo o reitor, “promover, dinamizar e apoiar o estabelecimento de relações, projectos e parcerias da UC com o mundo exterior, contribuindo para uma aproximação e aprendizagem recíprocas”. Seabra Santos frisa o facto de o gabinete ser uma plataforma de interacção, que pretende aumentar as relações entre a população civil e universitária, “por isso é que se diz Transferências, no plural e não Transferência no singular”.

O coordenador executivo do GATS, Jorge Figueira, afirma que “na universidade existem mais de 100 centros de investigação, associações e unidades de interface a realizar essa transferência do saber”. Porém, é difícil fazer a articulação entre eles. Jorge Figueira diz que, “como são tantos (os organismos) é difícil sistematizar a informação quer cá dentro, quer para quem está do lado de fora”. Refere ainda que quando é necessário encontrar alguém na UC “só com algum esforço é que consegue achar o contacto dessa pessoa, onde é que ela está, com quem é que tem de falar”.

Para isso, está já online o site deste gabinete (<http://www.uc.pt/gats/>), que disponibiliza muita da informação necessária sobre os projectos da universidade e os seus investigadores. Estão também a ser divulgados um CD e uma brochura, através dos quais se pode conhecer a iniciativa e os vários temas abordados pela universidade.

O GATS.UC - assim é designado - está instalado na Casa do Costa Alemão, no Pólo II, e pretende disponibilizar apoio à sociedade através de um simples telefonema ou mensagem de correio electrónico.

O gabinete tem já um projecto em mãos. A Câmara Municipal da Figueira da Foz pretende elaborar um projecto para a recuperação da Ilha da Morraceira, com a finalidade de criar uma área de turismo ecológico e outros fins lúdicos. A autarquia queria pessoas que conhecessem o local em causa e que “em conjunto analisassem a ilha na sua perspectiva ecológica, no aspecto hídrico e numa vertente socio-económica”.

O GATS, solicitado para trabalhar em todos estes aspectos, reuniu uma equipa com conhecimentos sobre a ilha e neste momento já há um plano que vai ser apresentado à autarquia.

Universidade investiga Alzheimer e Parkinson

Pesquisa na área das neurociências aposta na prevenção

Compreender os mecanismos que levam à morte celular, provocando doenças degenerativas, é um dos objectivos do Centro de Neurociências da Universidade de Coimbra (CNUC)

Lurdes Lagarto
Bruno Vicente

A investigação do CNUC divide-se em três áreas principais: neurociências e doença, biotecnologia e saúde, toxicologia médica e ambiental. A maior actividade dos investigadores relaciona-se com as neurociências. Dentro do campo das neurociências e doenças (área em que o centro se foca), trabalha-se na análise dos mecanismos moleculares relacionados com as patologias dentro do lote das neurociências, que são os mecanismos moleculares de degenerescência neuronal.

Segundo a presidente do CNUC, Catarina Oliveira, a abordagem à morte celular ou degenerescência celular é feita sempre na perspectiva de compreender melhor este processo de modo a tentar contrariá-los ou preveni-los. “O objectivo é sermos capazes de prevenir”, afirma a

investigadora. As investigações envolvem doenças como Alzheimer, Parkinson ou Huntington.

A doença de Alzheimer é a que tem maior incidência, seguida da doença de Parkinson, pelo que são as patologias neurodegenerativas mais conhecidas. A principal causa da doença de Alzheimer é o envelhecimento, o que leva Catarina Oliveira a considerar que “se vivéssemos até aos 120 anos, provavelmente todos teríamos Alzheimer”. Sabe-se que, a partir de uma determinada idade, a proteína beta-amiloide pode acumular-se extracelularmente formando placas senis (agregados de beta-amiloide). Paralelamente, no interior das células, formam-se agregados da proteína tau, denominados tranças neurofibrilares. Este tipo de fenómeno, relacionado com o sistema nervoso central, ocorre com outras proteínas ligadas ao sistema nervoso periférico. Neste caso, normalmente depositam-se fibras no exterior das células, formando placas amilóides. É o que acontece no caso da Polineuropatia Amiloide Familiar, mais conhecida por “doença dos pezinhos”.

A presidente do centro lamenta o facto de a sociedade não “dispor de estruturas de apoio a estes doentes e aos seus familiares”. Tendo em conta que dois por cento da população acima dos 65 anos sofre de Alzheimer e que a taxa de incidência desta doença aumenta com o aumento da

esperança média de vida, esta doença tem vindo a ter um crescente peso na economia. Como refere Catarina Oliveira, “não é só uma pessoa que deixa de ser rentável para a sociedade, mas duas: o doente e a pessoa que cuida dele 24 horas por dia”.

No caso da doença de Parkinson, sabe-se que as células envolvidas são de uma zona específica denominada substância nigra. Conhecem-se também os neurónios que degeneram e o neurotransmissor envolvido no processo de degenerescência, que é a dopamina. No entanto, desconhecem-se as causas que desencadeiam este processo. Distinguem-se três tipos de Parkinson, de acordo com o sintoma dominante: diminuição de movimentos, tremor ou rigidez.

A doença de Huntington distingue-se das outras por ser uma patologia autossómica dominante, ou seja, é do foro genético e todas as pessoas que possuem o gene que codifica a proteína huntingtina mutante vão ser afectadas pela doença. A huntingtina encontra-se no organismo de todas as pessoas e possui substâncias denominadas por poliglutaminas. No caso da proteína mutante, ocorre a expansão destas substâncias, o que leva à sua fragmentação, que depois forma agregados denominados inclusões nucleares. Os pacientes desta patologia sofrem de movimentos anormais, incontrollá-

veis, de um ou vários membros ou da face. Surgem também alterações a nível cognitivo e por vezes sintomas psicóticos. Normalmente, o doente morre dez a vinte anos depois de se diagnosticar a doença. Cristina Rego, investigadora do CNUC, que trabalha sobretudo com a doença de Alzheimer e com a de Huntington, refere que normalmente a doença manifesta-se por volta dos quarenta anos ou, nos casos mais precoces, cerca dos vinte. A investigadora explica que a idade em a doença se manifesta “depende da expansão de poliglutaminas, fenómeno que é codificado geneticamente”.

Actualmente, no CNUC, os investigadores utilizam neurónios de embriões de rato como modelos para estudos da lesão neuronal selectiva. Procura-se utilizar células das áreas afectadas no cérebro, que no caso da doença de Huntington é uma zona do estriado e no da Alzheimer são a células do hipocampo ou do córtex. Os neurónios são colocados em cultura que se pode manter durante uma semana. Depois induzem-se as lesões de modo a tentar perceber como é que se processam estes fenómenos.

A partir destes estudos têm-se sintetizado fármacos na tentativa de estagnar as doenças. No entanto, as drogas não se têm mostrado muito eficazes. Ainda assim, no caso de Alzheimer e Parkinson, já é possível retardar os efeitos da doença entre dois a seis anos.

“O séc. XXI vai ser o século das neurociências”

No primeiro ano em que é atribuído, o Prémio Universidade de Coimbra distingue um neurocientista português a trabalhar na Holanda há mais de quatro décadas.

Reconhecido pela comunidade científica internacional, Fernando Lopes da Silva mantém ligações a Portugal e, agora que está reformado, trabalha “por gosto”

Lurdes Lagarto

Professor convidado de duas instituições de ensino superior portuguesas e presidente do ‘Board of Trustees’ da Graduate School Neurosciences de Amesterdão, Lopes da Silva considera que “Portugal é um país de pequena dimensão” na área da investigação científica.

Há vários anos que trabalha na Universidade de Amesterdão, na Holanda, no campo das neurociências. Sobre que áreas específicas se debruçam os seus estudos?

Trabalho na faculdade de Ciências, no Instituto de Ciências da Vida, que se dedica a estudos do sistema nervoso em geral e do cérebro em particular. A minha actividade relaciona-se com duas áreas importantes para mim. Uma tem que ver com as bases biológicas que levam a perturbações como a epilepsia. Outra é a investigação das funções cognitivas, especialmente a memória, em relação com o que se passa no cérebro.

O seu trabalho está muito voltado para a epilepsia, há quantos anos investiga esta doença?

Com a epilepsia propriamente dita só comecei a trabalhar nos últimos dez anos. Tem havido muitos avanços nesta área, há muita coisa que se sabe hoje e que não se sabia há dez anos. Já se podem fazer diagnósticos de uma maneira muito mais precisa do que antigamente. Mas nunca poderá haver uma cura completa, porque é um processo que leva a muitas alterações no sistema nervoso e que pode aparecer devido a factores genéticos, mas também devido a traumatismos cranianos, devido a um tumor pequeno no cérebro...

A gravidade deste tipo de doenças deve-se ao facto de afectar células do sistema nervoso que, uma vez danificadas, não se regeneram...

Exactamente, é um problema. O que nós estamos exactamente a tentar perceber é se conseguimos determinar os factores que levam a essas alterações plásticas para podermos tentar fazer com que voltem para trás.

Acha possível que isso se venha a conseguir?

Há certas substâncias que têm efeitos positivos. São substâncias

endógenas que aparecem no próprio cérebro e podem procurar evitar os efeitos nocivos das lesões. E se nós conseguirmos perceber melhor como é que isso se passa podemos depois criar novas drogas que possam fazer o mesmo que estas substâncias.

As pessoas têm medo das doenças neurodegenerativas?

Têm e hão-de ter sempre porque são doenças complicadas. A doença de Alzheimer toda a gente com alguma idade tem medo de ter. São doenças por vezes crónicas e cuja terapêutica é muito difícil. Depois há as doenças que parecem mais do foro psiquiátrico, alterações do cérebro que levam a alterações de comportamento e de que nós temos um conhecimento menor. Mas está a avançar muito com as novas técnicas de imagem cerebral, a possibilidade de olhar hoje sem abrir a cabeça e ver o que se está a passar ao nível das células, ao nível das substâncias químicas que são importantes na comunicação das células. De facto há um grande desenvolvimento e que muito provavelmente vai ser muito mais acentuado. O século XX foi o século da Biologia Molecular, com a Genética. O século XXI vai ser o século das neurociências.

Em Portugal não havia investigação

Formou-se em Medicina Geral. Quando e como é que surge o interesse pelas neurociências?

Mesmo quando estava em Medicina já me interessava muito pelo sistema nervoso, nessa altura sabia-

mos, e ainda hoje sabemos, muito pouco em relação ao cérebro, portanto é um desafio procurar saber melhor o que é que se passa. Por outro lado é uma área que leva a juntar uma série de disciplinas, como a psicologia, as ciências do comportamento, as ciências biológicas. Inclusive há certos aspectos ligados com a informática: como é que se processa a informação no cérebro e se isso nos pode ajudar a fazer máquinas melhores.

Porque é que saiu de Portugal?

Sai de Portugal por várias razões. A principal razão é porque queria fazer investigação científica e nesse tempo em Portugal era praticamente nula pelo que essa foi uma razão importante. Outra razão que me levou a sair naquela altura, foi ser contra a guerra colonial e não estar disposto a participar na guerra.

Há muitos anos que está na

Holanda. O que é que o cativou lá? Foi a investigação científica que se faz nesse país?

A investigação sim, mas a investigação faz-se também noutros sítios. Quando fui para a Holanda foi como quando fui para Inglaterra, não havia planos para mais de um ano. E quando os holandeses me disseram que eu poderia ficar, eu e a minha mulher fizemos uma espécie de inventariação dos países para onde poderíamos ir. Podia ter ido para outros sítios, para os EUA, para a Inglaterra, Dinamarca e naquela altura fizemos uma escolha que foi mais por eliminação dos países para onde não queríamos ir e a Holanda ficou como o país em que a única objecção que tínhamos era a língua.

Ainda mantém algumas actividades na Holanda.

Faço várias coisas. Eu já estou reformado, mas na Holanda depois de reformado pode-se continuar a trabalhar desde que a pessoa e a universidade queiram. Mas não se recebe salário. E nessa base continuo a ter alunos de doutoramento, que estão a fazer trabalho experimental ao qual estou ligado directamente. E de vez em quando dou lições que dava antigamente, que os meus colegas pedem para dar...

Trabalha porque gosta?

Pois, trabalho por gosto...

Como é que recebeu a notícia de que tinha sido premiado pela Universidade de Coimbra?

Foi agradável, é sempre agradável receber prémios, não é por estar à espera do prémio, porque eu nem sequer estava à espera de receber, mas foi agradável. Foi o reitor que me telefonou para a Holanda e me disse que tinha recebido o prémio.

Como é que vê hoje a investigação científica em Portugal?

Evidentemente que Portugal nesse aspecto é um país de pequena dimensão e além disso está na periferia da Europa, de maneira que os contactos são sempre mais complicados do que para quem está na Holanda e em duas horas chega à Alemanha ou à Bélgica, França, Inglaterra. A dinâmica é completamente diferente. Mas há bons grupos aqui em Portugal. Mas não quer dizer que as coisas caminhem muito facilmente, porque aquilo que eu ouço é que as pessoas se queixam muito que não há meios ou que há uma grande falta de perspectiva sobre o que é que vai acontecer no futuro. As pessoas estão preocupadas.

Percurso de um neurocientista

Formado em Medicina Geral pela Universidade Clássica de Lisboa, com média de 19 valores, em 1959, Fernando Lopes da Silva é convidado no ano seguinte para trabalhar no Hospital Júlio de Matos. Em 1962 partiu para a Inglaterra, onde fez cursos de pós-graduação. Foi para a Holanda pouco depois, onde fez doutoramento na Universidade de Utrecht, em 1970, sendo nomeado director do Brain Reserch Group em 1973. Entretanto ajudou a fundar um curso de Engenharia Biomédica na Universidade de Twente.

Pouco depois passaria para a Universidade de Amesterdão onde se mantém até hoje, tendo exercido várias funções. Entre 1988 e 2000 foi membro da Graduate School Neurosciences de Amesterdão, sendo desde 2002 presidente de um dos seus institutos. Exerceu ainda o cargo de director do Instituto de Neurobiologia da Universidade de Amesterdão, entre 1993 e 2000.

Em Portugal, é professor convidado do Instituto Abel Salazar da universidade do Porto, desde 1997. Em 2000, tornou-se professor catedrático convidado de Neurociências da faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e coordenador do curso de Engenharia Biomédica criado pela faculdade de Medicina e pelo Instituto Superior Técnico.

Fernando Lopes da Silva pertence ou pertenceu a vários grupos e instituições ligados à investigação científica, como a Fundação para a Ciência e a Tecnologia, ou o Instituto de Epilepsia da Fundação holandesa das instituições para o tratamento da epilepsia - SEIN.



BRUNO COSTA

Lopes da Silva prevê o crescente desenvolvimento das técnicas de investigação do cérebro

“Nunca haverá cura completa para a epilepsia”



"Jemima Stehli" é a exposição patente no Centro de Artes Visuais/Encontros de Fotografia até 21 de Março

Ao encontro da fotografia

Centro de Artes Visuais/Encontros de Fotografia apaga as primeiras velas

A exposição da obra da britânica Jemima Stehli é a mais recente produção do Centro de Artes Visuais (CAV). Para trás ficam "Coimbra", "Sem Limites", "Gabriel Orozco", "Dia Di Bai" e "Trabalho/Work", num ano inovador para a imagem da cidade

Emanuel Graça
João Vasco

O CAV comemora no próximo sábado um ano de existência. Para festejar, antecipadamente, a data, foi inaugurada no fim-de-semana a sexta exposição do novo espaço dedicado à imagem da cidade de Coimbra. Jemima Stehli é o nome da artista cuja obra vai ficar exposta no CAV até 21 de Março, numa mostra comissariada por Julião Sarmiento (ver caixa).

Depois de ter albergado cinco exposições em 2003, e recebido a visita de 25 mil visitantes, o CAV

cumprir, assim, o primeiro aniversário. Apesar de alguns contratempos, nomeadamente ao nível do financiamento, o principal responsável pelo projecto, Albano Silva Pereira, está radiante com a nova casa dos Encontros de Fotografia: "Somando as exposições que se fizeram aqui em 2003, verificando o impacto no público, na comunicação social e na crítica especializada, só posso dizer que o balanço é absolutamente extraordinário!".

Projecto do arquitecto coimbricense João Mendes Ribeiro, o edifício do CAV foi inaugurado a 14 de Fevereiro de 2003 por Durão Barroso. A exposição inicial - "Coimbra" - foi a que teve mais visitantes até agora: cerca de 11 mil. Albano Silva Pereira explica que "na altura, a curiosidade era imensa. Em Coimbra não havia a tradição de um espaço público de arte. Associava-se o facto do tema ser familiar. Isso causou um estímulo, uma excitação para as pessoas, que vieram em massa".

A seguir a "Coimbra", "Sem Limites" foi a colecção de obras do Museu de Arte Contemporânea da Fundação Serralves que esteve patente no CAV. O número de visitantes baixou, porque o "público potencial também era outro". Mas

o responsável não considera que tenha sido um projecto falhado: "Como se compreenderá tivemos que fazer outras opções. As exposições tiveram em conta aquilo que se faz hoje na fotografia, no vídeo, no cinema, tentando criar cumplidades com algumas instituições nacionais e internacionais. Tinha que ser por esse caminho. E isso foi conseguido".

E é precisamente na divulgação e na comunicação daquilo que o CAV produz que, um ano depois, Albano Silva Pereira se mostra orgulhoso: "Hoje em dia a projecção em termos de órgãos da comunicação social é essencial. E, nesse campo, o CAV tem um sucesso absolutamente inacreditável. Tanto ao nível nacional como internacional". Para tal, muito contribuiu uma parceria com o jornal "Público", que Albano Silva Pereira classifica como "excepcional". Afirma que a estratégia de angariação de novos públicos e a vertente de dar a conhecer o que os Encontros de Fotografia produzem "tem sido um sucesso": "Só a exposição de Francis Bacon, em Serralves, bateu o CAV", acrescenta entusiasmado.

A ideia é clara: "Criar estratégias de produção e de estímulos para uma cidade que até 2002 tinha os Encontros de Fotografia e umas

exposições do Círculo de Artes Plásticas", diz.

Apoio estatal escasso

Se nas vertentes de público e comunicação, o CAV tem feito furor, notórias têm sido as dificuldades no plano financeiro e administrativo. Albano Silva Pereira reconhece que esse foi o principal problema, porque "tudo é novo, tudo é ainda um desafio". As obras tinham começado em 1999, mas apenas um mês antes da inauguração se soube que o espaço ia ficar pronto: "Tivemos muito pouco tempo de instalação e, ainda por cima, na altura, não tivemos um financiamento adequado para os equipamentos a instalar cá dentro. Tivemos de recorrer ao crédito".

"Limitações que ainda hoje se mantêm", assegura Albano Silva Pereira. O Ministério da Cultura investiu em 2003 no CAV cerca de 300 mil euros, o que para o responsável pela infra-estrutura é insuficiente: "O Ministério da Cultura tem que ter outro investimento aqui. Tem que haver uma nova dinâmica de participação, senão é impossível manter quatro a cinco exposições por ano". A verba que vem da tutela representa cerca de 40 por cento do orçamento de funcionamento do CAV. O restante di-

"Jemima Stehli"

Patente no CAV desde sábado, a exposição da obra de Jemima Stehli, comissariada por Julião Sarmiento, resulta de uma parceria com a Galeria Lisson, de Londres.

Jemima Stehli faz uma profunda reflexão em torno das problemáticas do corpo, da auto-representação, da erotização do nu, do desejo fetichista, do narcisismo, do "voyeurismo" e da relação entre identidade sexual e poder. Em muitas das fotografias, Jemima usa o seu próprio corpo, por vezes completamente despido, de forma a estabelecer um confronto mais íntimo entre observador e artista.

A sexta exposição do CAV tem a marca pessoal de Julião Sarmiento, que durante vários meses contactou de perto com a prática de Jemima Stehli e é, tal como as outras, acompanhada de um livro com a reprodução das obras expostas e textos de diversos artistas. Desta feita, participam na obra Albano Silva Pereira, com o texto introdutório e Michael Tarantino, Barry Schwabsky e Alexandre Melo, com ensaios.

nheiro vem da Câmara Municipal de Coimbra e da "sponsorização". O executivo de Carlos Encarnação "tem dado um grande exemplo", assegura Albano Silva Pereira.

Já no que diz respeito aos patrocinadores, o responsável critica o estado e o mecenato: "O Estado comete um grande erro ao não prescindir do mecenato para os seus projectos. O Ministério da Cultura continua a pedir apoios ao mecenato. Assim, não há espaço para novos projectos! No ano passado, as únicas duas empresas com potencial financeiro para investirem no CAV, foram financiar a Coimbra 2003".

As exposições têm tido um custo médio de 60 mil euros, em projectos que englobam a edição de um livro. É essa a forma encontrada de transmitir às elites artísticas internacionais o que se faz por Coimbra. Foi assim com "Trabalho/Work" e com "Dia Di Bai", quarta exposição do CAV. Já antes tinha sido feito o mesmo com a mostra do mexicano Gabriel Orozco e com "Coimbra". Por tudo isto, "o orçamento é manifestamente pequeno para a qualidade que, durante vinte anos, os Encontros de Fotografia granjearam, para a dimensão do edifício, para a qualidade do programa e porque o CAV não cobra entradas".

"Inveja! É a grande inércia deste país"

Apesar de ter acabado o ano de 2003 com um défice de 150 mil euros, Albano Silva Pereira diz que o CAV vai tentar manter a mesma lógica de produção este ano, porque não prescinde da qualidade: "Quero que este espaço seja um exercício de qualidade, dignidade, diálogo internacional, através do mobiliário, da arquitectura do próprio edifício, das exposições. Por isso, não vamos desistir!".

Iniciativas como "Project Room" - exposições de artistas emergentes no panorama da arte contemporânea portuguesa que ocorrem em simultâneo com as mostras principais - tem sido outra das formas de estimular a arte no CAV. A cargo de Miguel Amado, "Projecto Room" tem dado a co-



CAV com 25 mil visitantes um ano depois da abertura

nhecer as obras de jovens desconhecidos do panorama da arte nacional. São os casos de Nuno Ramalho e Catarina Felgueiras, desde sábado com instalações no CAV. Os dois artistas reflectem sobre os mecanismos de produção das carreiras artísticas actualmente vigen-

tes, através de uma atitude crítica face a concursos televisivos, eleições de "Misses" ou na busca de novos talentos musicais.

Actividades como "Project Room", as exposições principais, mas principalmente o facto dos Encontros de Fotografia estarem

num novo espaço fazem com que Albano Silva Pereira tenha sofrido várias críticas nos últimos tempos. O homem forte do CAV diz que "de repente, começaram a aparecer as 'corujas' e os 'abutres', só porque estamos neste espaço. Inveja! É a grande inércia deste país".

"O Guardião do Templo"

Os Encontros de Fotografia começaram em 1980. Na época a organização pertencia ao Centro de Estudos de Fotografia (CEF). Até ao final da década de 90, assim continuou a acontecer. Albano Silva Pereira, principal responsável pelo CEF, começou então a deparar-se com as grandes dificuldades de "para além da festa", poder realizar as actividades de formação no edifício da Associação Académica de Coimbra (AAC): "Não havia espaços. Só depois de uma grande luta, conseguimos que nos fosse cedido o edifício das Caldeiras, na altura, pelo reitor Rui Alarcão".

Com o espaço nas suas mãos, o CEF encomendou então um projecto para, como diz Albano Silva Pereira, "criarmos um novo lugar da cultura portuguesa". João Mendes Ribeiro e Cristina Guedes foram os responsáveis pelo esboço de uma obra que ainda hoje aguarda ser erguida.

Mediante as dificuldades da Universidade de Coimbra em ajudar a custear um projecto de um organismo autónomo da AAC, Albano Silva Pereira vê-lhe ser proposto pelo anterior autarca de Coimbra, Manuel Machado, o espaço que o CAV hoje ocupa no Pátio da Inquisição. Assim, enquanto esta segunda obra avançava, o projecto das Caldeiras ia ficando para trás. Albano Silva Pereira reconhece: "Foi o único projecto que não consegui desenvolver na vida". No entanto, a esperança parece ser a última a morrer. "Sei que há constrangimentos financeiros. O reitor está interessado no projecto e há inclusive um protocolo de financiamento para o edifício assinado entre a universidade e o ex-ministro [da Cultura] Manuel Maria Carrilho. Estou disponível para conversar".

Motivos que fazem com que Albano Silva Pereira diga: "Se querem continuar o programa que eu idealizei, estou de coração e de cabeça. Darei o meu tempo gratuito, como sempre dei ao CEF. Quem é o guardião do templo? Eu sou o guardião do templo. Não sou é patrão de nada!".

A ideia de Albano Silva Pereira seria fazer do edifício das Caldeiras o espaço para a formação e do CAV o local das exposições. Porque, segundo afirma, em Coimbra, "não há escola de artes e é necessário continuar esta descentralização. O desbloqueamento do eixo Lisboa-Porto".

Mas, com todo este impasse, o CEF está paralisado. Uma questão se impunha a Albano Silva Pereira. Onde param os duodécimos provenientes da reitoria para apoio à actividade daquele Organismo Autónomo? "O dinheiro está numa conta, na qual o CEF é responsável e não gasta rigorosamente nada. Se não houver mais actividades, o CEF paga a dívida que tem para com os Encontros de Fotografia [associação que pertence ao CEF] e a seguir o dinheiro vai para a reitoria. Vamos ver. Eu fiz tudo o que era possível!", esclarece.

O silêncio das imagens

Mais do que uma sala de exposições, o Centro de Artes Visuais, inaugurado em Coimbra há cerca de um ano, surge como um espaço íntimo, com vida e alma próprias

Escondido dos olhares mais curiosos, mas perto de alguns dos pontos mais importantes da cidade: este é apenas um dos vários segredos que esconde o Centro de Artes Visuais/Encontros de Fotografia (CAV).

O CAV é mesmo um mundo diferente. A começar pela entrada: é necessário atravessar primeiro a zona principal do Pátio da Inquisição para depois, inesperadamente, cortar para um pequeno túnel lateral rampado de onde surge um segundo pátio. Delimitada em dois dos seus

lados por uma colunata jónica, é nesta pequena praça de mármore branco apenas interrompido por uma pequena palmeira que, do lado direito, surgem as instalações do CAV.

Fruto de uma requalificação arquitectónica e urbanística levada a cabo por João Mendes Ribeiro, foi neste equipamento cultural que os Encontros de Fotografia, instituição responsável pela iniciativa homónima, um dos maiores eventos na área da imagem em Portugal, encontrou uma nova casa. De resto, o edifício é, sem dúvida, um espaço com identidade própria ou não fosse a sua localização num local onde já esteve instalado o renascentista Colégio das Artes, onde a Inquisição sediou as suas instalações e onde, mais recentemente, funcionaram as cavalarias da GNR.

Lá dentro, reina a inevitabilidade do silêncio - das imagens e do espaço -, com o branco a exercer a sua força por todo o ambiente, apenas pontualmente interrompido pelo

vermelho de um punhado de extintores. Apesar da evidente semelhança ao nível do grafismo (e do conceito) com o Museu de Serralves, o centro possui várias particularidades - uma delas é a sua realidade bicéfala nas formas e nos conteúdos, fruto de uma intervenção arquitectónica a dois níveis e que se traduz na diferença verificada entre os pisos.

Assim, a galeria, situada no piso térreo, surge como a vertente mais pública do espaço, ostentando várias colunas de ferro (preexistentes à requalificação do edifício), por entre as quais planos giratórios de gesso cartonado fazem as vezes de paredes. As paredes, essas, são de pedra, o elemento omnipresente neste piso, e enformam as várias celas existentes, herança da Inquisição e agora readaptadas à sua nova realidade.

Contrastando com esta vertente mais representativa, surge o piso superior, cujo acesso é assegurado por uma escadaria metálica. Lá em cima, janelas amplas de vidro duplo

rasgam as paredes, inundando de luz um espaço onde a pedra é substituída pela madeira. Num piso claramente dedicado ao experimentalismo, um auditório, o secretariado, a direcção e uma sala de vídeo concorrem para vincar a sua identidade mais complexa. No entanto, o enorme paralelepípedo de madeira que constitui um corpo de laboratórios e arrumos e a elaborada estrutura de traves que enforma o telhado são elementos extraordinários neste piso.

Independentemente das exposições que alberga (e já foram cinco e de elevada qualidade artística), o CAV é um espaço que perturba por si só. Pela sua luz, pela sua força minimalista e pelos seus contrastes internos. Pesada na sua leveza, a complexa rede de interpretações do local, das texturas e dos materiais convida ao silêncio. Numa Coimbra agarrada a um passado de saber, este local parece ser uma lufada de ar fresco no reequilíbrio entre arte contemporânea e património histórico.

Fetiche.



Seja responsável. Beba com moderação.

www.superbock.pt

Super Bock Stout.
O outro lado da Super Bock.



Académica em zona de risco

Jogo emotivo colocou frente a frente duas equipas na luta pela manutenção

A Briosa empatou 1-1 com o Vitória de Guimarães.

O ponto amealhado abre perspectivas para a conquista de outros, diz João Carlos Pereira

Tiago Pimentel

A Académica e o Vitória de Guimarães defrontaram-se no Estádio Cidade de Coimbra, numa partida respeitante à 21ª jornada da Superliga. O novo técnico da Académica, João Carlos Pereira, efectuou apenas uma alteração em relação ao "onze" que defrontou o Benfica na passada terça-feira. Dionattan foi o eleito, tendo Tixier sido relegado para o banco de suplentes. Assim, a Briosa entrou em campo com Pedro Roma na baliza; na defesa, Nuno Luís, José António, Tixier e Fredy; Paulo Adriano, Lucas e Dionattan cumpriram funções no meio campo, estando as despesas atacantes entregues a Fábio Felício, Kaká e Paulo Sérgio.

Num jogo que contou com uma assistência superior à que se tem verificado, de cerca de 8000 espectadores, ainda antes do início do jogo, fora do Estádio, cerca de uma centena e meia de pessoas manifestou-se à volta da bilheteira improvisada. Em causa estava o preço elevado dos bilhetes, que era de 37 euros e dois para a bancada superior. Nas bancadas, as claques estiveram sempre muito activas no apoio aos atletas, tendo protagonizado um bonito espectáculo.

O jogo iniciou-se praticamente com o golo dos visitantes. Um mau passe de Dionattan permitiu a Rubens Júnior ir à linha cruzar para Rafael, que não teve dificuldades em marcar. A Briosa acusou de certa forma o golo vimezanense, tendo-se revelado algo nervosa e concedido o controlo do jogo ao Vitória de Guimarães, na primeira parte.

O intervalo trouxe um fulgor renovado aos estudantes. Estavam decorridos apenas cinco minutos da segunda parte, quando foi sancionada uma falta de Afonso Martins sobre Paulo



FRANCISCA MOREIRA

Em jogo de muita tensão, a Académica não foi além do empate

Sérgio na área visitante. Fábio Felício, na conversão da grande penalidade correspondente, não perdeu e repôs a igualdade no marcador. O treinador João Carlos Pereira optou por mexer na equipa cedo, tendo substituído Kaká pelo reforço Joaño, logo aos 56 minutos.

O golo operou uma inversão dos papéis entre as duas equipas, dando aos adeptos academistas esperança na vitória. A partida estava viva e a Académica próxima do segundo golo. Aos 66 minutos, Marinescu entra em campo para substituir Paulo Adriano. Quatro minutos depois, dá-se o caso do jogo. O jogador romeno da Briosa salta com o guarda-redes Miguel, que cai no chão. O árbitro Duarte Gomes entendeu mostrar o cartão vermelho directo a Marinescu, reduzindo a Académica a 10 unidades.

Até ao fim do jogo, os estudantes, mesmo em inferioridade numérica, não desistiram de tentar chegar ao segundo golo. Aos 77 minutos,

Fredy faz um cruzamento, com a bola a bater num defesa e a ir à trave da baliza do Vitória de Guimarães. A última grande oportunidade para a Briosa aconteceu por intermédio de Joeano, tendo este, frente a frente com Miguel, permitido a defesa do

guardião vimezanense.

Com este empate, a Académica mantém-se na 17ª posição da tabela, a segunda abaixo da linha de água. Os estudantes contam 16 pontos e estão a apenas um ponto de Paços de Ferreira e Vitória de Guimarães.

Nas cabines...



João Carlos Pereira,
treinador da
Académica

- "Estou satisfeito com a atitude da equipa, embora tenhamos entrado nervosos".
- "Conseguimos empurrar o Guimarães para o seu meio-campo e acabámos a primeira parte melhor".
- "Na segunda parte, o colectivo funcionou, mas ficámos limitados por uma expulsão que gostaria que o árbitro nos explicasse".



Jorge Jesus,
treinador do
Vitória de
Guimarães

- "Nos primeiros 45 minutos podíamos estar a vencer por mais de um golo".
- "A expulsão do Marinescu beneficiou-nos no comando do jogo".
- "A Académica teve uma reacção muito boa, esteve sempre emocionalmente tranquila".
- "Os jogadores da Académica demonstraram capacidade para sair da posição em que estão".

Voleibol da Académica vence Benfica

Depois da derrota frente ao Vitória de Guimarães, a equipa de voleibol da AAC venceu o Benfica

João Cortesão

Num encontro a contar para o apuramento da equipa que vai disputar o quinto lugar dos playoffs, o Benfica entrou melhor em campo

e venceu facilmente os dois primeiros sets. A Académica não encontrava maneira de dar resposta aos fortes remates de Renato e somava erros que justificavam a diferença pontual que se verificou no final dos dois sets iniciais. O treinador da Académica, Rui Vaz, afirmava nunca ter visto a sua equipa a jogar tão mal.

No final do terceiro set, quando alguns adeptos começavam já a abandonar o Pavilhão 3 do Estádio

Universitário, André Lopes protagoniza quatro serviços que dão à Académica a vitória no set. A partir deste momento, a Briosa tomou conta do jogo e aproveitou a surpresa do Benfica para chegar à igualdade na partida. O acadêmico Daivison deu o mote, com uma série de remates fortes, e a equipa entrou no set decisivo com confiança e motivação. Mais uma vez, o forte serviço de André Lopes fez a diferença e conduziu a

Académica à vitória no encontro.

No próximo sábado, a Académica desloca-se a Lisboa para disputar a segunda mão desta eliminatória. Apesar de reconhecerem que esta será uma deslocação bastante difícil, jogadores e equipa técnica mostram-se confiantes na obtenção de um bom resultado e na passagem da Académica ao jogo que vai decidir quem ocupa o quinto lugar dos playoffs.

Orabolos!

António Gil Leitão Opinião

Os garrotes da Briosa

"A escolha do presidente-adjunto apareceu como uma 'luta de galos'"

Os adeptos de futebol costumam justificar o injustificável, como a sua preferência clubística, numa frase lapidar: "Sou deste clube porque ele é diferente!". Claro que "ele" só é diferente aos olhos do próprio, além, naturalmente, do resto dos sócios...

Por isso, para nós, a Académica é diferente. Vem duma elite cultural (a universidade), carrega nas suas costas o peso de uma história alicerçada nos valores da fraternidade, do filantropismo e humanismo, das lutas sociais, cívicas e políticas justas. E por isso é diferente. Porque ainda hoje, nos Estatutos da Associação Académica de Coimbra, estas referências aparecem como "objectivo último" da Académica.

E por isso é com espanto que todos, estou certo, assistimos à corrida à cadeira do poder. A escolha do presidente-adjunto apareceu aos nossos olhos como uma "luta de galos", ou como um qualquer congresso partidário que não dispensa o "contar de espingardas". Depois de várias hipóteses, apenas uma ficou arreada: a marcação de eleições antecipadas. Os Estatutos do Organismo Autónomo de Futebol podem permitir tal situação, mas a forma "messiânica", em tudo herdeira do "lusitano D. Sebastianismo", essa, julgava não existir na Briosa tal necessidade (e não é inocente a evocação, aqui, deste epíteto).

No campo, como os resultados não aparecem, muda-se o treinador. Espera-se uns dias, anuncia-se que o escolhido para ocupar o posto é o adjunto e refere-se que essa decisão já foi tomada na semana passada.

Entretanto, as linhas gerais de acção continuam a nortear a direcção: combater o "garrote financeiro" em que a instituição caiu.

Olhemos para o plantel: só a equipa A tem cerca de 30 atletas. Das contratações de início de época, muitas não são opção. Depois há os "quase eternos" dispensáveis e os que já o foram e volta e meia são "salvadores".

O dinheiro faz falta e vendeu-se o Dário por... não se sabe quanto!, (ficou "prometido" que se saberia quando as contas de 2003 fossem apresentadas).

Os melhores marcadores da Briosa são: Dário(!), quatro golos; Delmer, três e Marcelo, (que não era preciso na pré-época) dois. Agora, na reabertura do mercado, contratam-se três avançados (para substituir Dário?).

Para rematar, no final do Académica/Guimarães, o presidente-adjunto vem culpar as arbitragens por alguns maus resultados desde o jogo com o Belenenses da 6ª jornada.

Mas... Que fazer? Apoiar a Académica porque é um clube diferente...

“Temos de correr riscos”

João Carlos Pereira, o terceiro treinador da época da Académica, abraça um novo e aliciente desafio na sua carreira, comandando agora uma equipa da Superliga

**Tiago Almeida
Tiago Pimentel**

Depois de cooperar como adjunto com os dois anteriores treinadores, este licenciado em Educação Física assume, aos 37 anos, o papel principal na Académica. Existe optimismo e confiança no sucesso. Mas João Carlos Pereira avisa: “Se não estivermos todos unidos, seremos mais fracos”.

Depois de trabalhar com Artur Jorge e Vítor Oliveira, como encara o desafio de treinar uma equipa da Superliga?

Com alguma naturalidade, embora reconheça que é uma tarefa complicada, mas aliciente e também porque tenho ambição e um percurso feito com objectivos bem definidos. Aliciente, porque trabalhar na Superliga é muito melhor do que trabalhar numa liga mais secundária.

Quais serão as principais estratégias motivacionais e táticas que vai utilizar para atingir os objectivos a que se propõe?

Acima de tudo, temos de definir no clube uma filosofia diferente. Uma filosofia de objectivos comuns a todos. Os interesses colectivos terão de estar sempre acima dos individuais. Do ponto de vista tático e técnico, teremos de inculcar um pouco mais de ambição e agressividade à equipa, torná-la mais dinâmica, com capacidade para jogar a ritmos mais elevados. Pretendemos ser mais rápidos nas transições defesa-ataque e ataque-defesa, pressionar mais alto, para jogarmos mais perto da baliza adversária. Porque precisamos de fazer pontos. Neste momento não há outra hipótese, temos de correr riscos.

Quais são as maiores dificuldades esperadas nesta luta?

A qualidade dos adversários, porque o nosso calendário não é fácil. Jogamos contra equipas fortes em casa e fora com algumas, do mesmo nível que nós, mas que, ao jogarem em casa, têm necessidade de ganhar. Neste período do campeonato, sabemos perfeitamente que todos procuram pontos e que as equipas se tor-

nam muito mais agressivas, mais fortes, mais competitivas... Essa será uma das maiores barreiras ao sucesso que pretendemos.

Com a chegada dos novos jogadores, está contente com o plantel que tem à sua disposição, quer em equilíbrio, quantidade e qualidade?

Neste momento, é prematuro fazer um balanço em relação à qualidade global do plantel da Académica, porque os novos elementos, ao entrar agora, terão um período de adaptação e de assimilação de novos métodos de trabalho e de um novo modelo de jogo. Penso que a equipa terá condições para, dentro de duas ou três semanas, já ter uma personalidade própria, diferente, de acordo com as ideias do novo treinador, seguramente. Mas penso que o leque de opções, pelo menos, foi alargado.

Vítor Oliveira queixou-se várias vezes das condições de trabalho, nomeadamente dos espaços de treino, do próprio departamento médico e do tempo que se levava a resolver algumas lesões. Como encara essa situação?

Algumas dessas situações continuam a existir. Temos apelado um pouco à sensibilidade da Câmara Municipal de Coimbra para que nos deixe treinar mais vezes no Estádio Cidade de Coimbra ou em Taveiro. Treinar

única e exclusivamente no campo do Bolão torna difícil a gestão do espaço, porque a relva com mais de seis horas de utilização por semana começa a entrar em cansaço. Trabalhar mais tempo no Estádio Cidade de Coimbra seria óptimo para nós, pois temos necessidade de arranjar referências dentro do próprio campo e não têm existido condições para isso ser possível. Em relação ao resto, penso que existe a boa vontade das pessoas para colaborar. Da mesma forma que a filosofia da equipa deve abordar, acima de tudo, os interesses colectivos. Os departamentos que gravitam à volta dela devem também pensar e interiorizar a necessidade de conjugação de esforços.

Pensa que o modo como a comunicação social explorou a instabilidade a nível directivo na Académica poderá ter influenciado o rendimento dos jogadores?

Tudo o que nos rodeia é uma eventual causa de distúrbio e de desconcentração. Todos são sensíveis a estas situações. De qualquer forma, temos de nos concentrar no nosso trabalho e assim prepararmos para aquilo que pretendemos fazer.



O novo treinador da Briosca está motivado para trabalhar na Superliga

Qual é a sua posição, relativamente à equipa B? Defende a sua continuidade?

Neste momento, estamos num contexto onde acima de tudo o objectivo principal é tirar a equipa principal da situação em que está. Estamos abaixo da linha de água, sendo a tranquilidade na tabela clas-

sificativa o objectivo principal a curto prazo. Sou um grande defensor da qualidade da formação e penso que as razões da criação de uma equipa B são válidas. Mas também devemos

equacionar outros elementos, nomeadamente as infra-estruturas de apoio às equipas e as condições para que o clube consiga satisfazer encargos orçamentais mais elevados. Não faz sentido ter uma equipa B e depois andar a treinar no Bolão,

porque isso deita por terra a qualidade do treino e terá influência no processo de formação dos jogadores. Esses pormenores têm de ser pensados. É importante que ela exista, tendo jogadores que serão peças fundamentais no futuro do plantel da Académica. Mas, neste momento, ficar na Superliga é um dos pontos mais importantes.

Para além de Francisco Carvalho, o novo treinador-adjunto, mais algum elemento irá entrar no staff técnico da

equipa?

Não. É extremamente importante termos colaboração a este nível, mas somos suficientes e agora penso que estamos em condições de começar o trabalho de forma mais incisiva.

Uma palavra para os adeptos da Académica...

Era importante que todos se unissem e mobilizassem em torno da equipa. Isto, apesar de não termos razões de queixa, desde a Mancha Negra até ao adepto mais comum. É um período difícil e se não estivermos todos unidos, seremos mais fracos. Qualquer apoio do público e da massa associativa será seguramente uma ajuda extra e poderá ser decisivo.

Jogo de Palavras

Académica: Briosca
Estádio Cidade de Coimbra: o nosso castelo
Mancha Negra: apoiantes incondicionais
Vítor Oliveira: líder
João Moreno: excelente pessoa e um grande dirigente
José Eduardo Simões: pessoa de personalidade forte

SEXTA
Informática Multimedial Lda
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com

Dias difíceis na Direcção da Académica

A saída forçada de João Moreno, aliada aos maus resultados desportivos, provocou instabilidade no seio do Organismo Autónomo de Futebol

Bruno Gonçalves

O vice-presidente José Eduardo Simões foi eleito presidente interino do Organismo Autónomo de Futebol (OAF) da Associação Académica de Coimbra e aponta objectivos essenciais a curto e médio prazo. Com a demissão de Vitor Oliveira, o treinador João Carlos Pereira, adjunto de Vitor Oliveira, foi nomeado técnico principal.

O presidente do OAF, João Moreno, sofreu problemas de saúde que obrigaram a direcção a nomear um vice-presidente interino. Numa primeira instância o nome da antiga glória do OAF, Vasco Gervásio, chegou a ser apontado como certo neste cargo, mas a direcção acabou por nomear por unanimidade o engenheiro José Eduardo Simões. Vasco Gervásio fica com o cargo de coordenador do departamento de futebol e José Guilherme Chieira é nomeado director-desportivo.

A nomeação do presidente interino sucedeu-se a uma demissão: Nuno Castanheira Neves, o responsável pela equipa B dos estudantes, abandonou a direcção. Quando confrontado com esta situação, o dirigente preferiu não fazer qualquer comentário.

Jaime Soares, autarca de Vila No-



Nomeação de José Eduardo Simões já motivou demissões dentro da AAC/OAF

va de Poiães, candidato à presidência da Assembleia Geral pela lista de Sampaio e Nora, criticou o processo que nomeou o novo vice-presidente interino e chegou mesmo a afirmar que "isto foi a pior coisa que podia ter acontecido à Académica". Em relação a estas declarações, José Eduardo Simões não teceu qualquer comentário afirmando

que não tinha nada a ver com isso.

A sequência de maus resultados levou a direcção a demitir Vitor Oliveira após a derrota em casa com a União de Leiria. Provisoriamente, João Carlos Pereira ficou responsável pela orientação da equipa dos estudantes. Enquanto isto, José Eduardo Simões viajou até ao Brasil em busca de novos refor-

ços, tendo sido mesmo adiantado que com ele viria o novo treinador. Após desmentidos de nomes como Jaime Pacheco e Ricardo Gomes, João Carlos Pereira acaba por ser apresentado como técnico principal. José Eduardo Simões referiu que João Carlos Pereira foi sempre a primeira escolha, sobretudo pelo seu trabalho e capacidade de intro-

duzir uma nova dinâmica na equipa.

José Eduardo Simões já afirmou que a Direcção pretende atingir três objectivos essenciais: manutenção do OAF na Superliga, construção da nova Academia Briosa XXI e a recuperação da sanidade financeira até ao final da temporada.

Quanto à manutenção na Superliga, muito se espera dos novos reforços vindos do Brasil. Joeano, Alexandre Fávoro e Flávio Ribeiro são os novos jogadores da Briosa. Quanto à duração da sua estadia na cidade dos estudantes é ainda um assunto incerto. José Eduardo Simões não adiantou pormenores relativos à situação contratual dos jogadores, disse apenas que tudo vai depender da sua performance e do seu contributo para o desempenho da equipa.

Já é também conhecido o nome do novo treinador-adjunto. Francisco Carvalho, antigo atleta do clube, já desempenhou esta função no ano de 2001. Depois da Académica, passou pelo Famalicão, Lusitânia dos Açores e Estarreja, no início desta temporada. O novo adjunto está contente por colaborar com um antigo jogador seu, aquando da passagem pelo Moreirense em 1986/87 e afirma que embora não conheça bem a equipa ela tem bastante qualidade e João Carlos Pereira vai certamente levá-la a bom porto.

Quanto à questão da construção da nova Academia, este é um projecto de grande dimensão que envolve a criação de novas infra-estruturas desportivas com vista a melhorar as condições de treino da equipa.

Académica perde a liderança na Proliga

Em jogo de arranque da 21ª jornada da Proliga, os estudantes não conseguiram evitar a derrota em Torres Vedras, por 78-76. O Sampaense substituiu a Briosa na frente da tabela

Filipa Oliveira
Bruno Vicente

Sabia-se de antemão que a jornada 21 não iria ser fácil, até porque cabia à Académica, líder da Proliga, enfrentar fora de portas o quarto classificado da prova. Por outro lado, e após 15 vitórias consecutivas, a Briosa tem vindo a mostrar-se menos regular, perdendo dois dos últimos quatro jogos, assim como a Física de Torres Vedras. Em simultâneo havia o risco de, em caso de derrota da AAC, o primeiro lugar da Proliga ser entregue ao Sampaense.

O jogo, que se destacou pelo equilíbrio e emoção até ao final, revelou duas tendências distintas: uma na primeira parte, outra na segunda. Assim, à superioridade da Briosa, nos dois primeiros períodos, sucedeu o domínio da Física nos últimos dois, o que viria a resolver o jogo.

O cinco inicial entrou na partida de forma tranquila, revelando coesão tanto na defesa como no ataque. Com constantes movimentos ofensivos, os estudantes tomaram as rédeas do jogo, terminando o primeiro período com uma vantagem de seis pontos (19-24).

Durante o segundo período, a equipa de Coimbra esteve sempre à frente no marcador, mantendo uma vantagem pontual de cerca de seis pontos. Assim, chegou ao intervalo a vencer por 37-43.

Fruto de uma boa articulação entre os jogadores, a bola chegava facilmente ao poste da equipa, o americano Gregory Morgan, que na primeira parte lançou ao cesto com eficácia. Isto só foi possível devido ao bom enquadramento táctico que os estudantes revelaram face ao cinco da formação de Torres Vedras.

Porém, a tendência de jogo alterou-se na segunda parte. A Física de Torres Vedras mudou de estratégia, lançando novas combinações entre os jogadores disponíveis. Entrou com mais fulgor, combinando a rapidez ofensiva com uma postura defensiva mais agressiva. A equipa de Coimbra demorou algum tempo a adaptar-se à defesa à zona que o adversário impôs, o que resultou em diversas perdas de bola. Por outro lado, a rigidez física da equipa de Torres Vedras resultou em vinte lançamentos livres favoráveis à Briosa, dos quais apenas nove foram concretizados. Assim, os estudantes perderam o terceiro período por 26-16 e partiram para os últimos dez minutos com uma desvantagem de quatro pontos: 63-69.

O quarto período foi o mais equilibrado da partida, com o marcador a avançar taco a taco, à imagem do jogo frente ao Maia Basket, há quatro semanas atrás, o que levou a uma fase final imprópria para cardíacos. Deste modo, a 14 segundos do final, o marcador assinalava 76-76, com a Física a sair com a bola. A possibilidade dos torreeneses, a jogar em casa, marcarem nos últimos instantes diante dos lí-

deres da Proliga causou na assistência uma onda de expectativa. Tal veio a acontecer com dois segundos para jogar, sem haver hipótese dos estudantes responderem. Desta forma o jogo terminou com 78-76.

Note-se que, perto do final, houve uma situação de jogo contestada pelo banco acadêmico, numa suposta falta não assinalada pelos árbitros Diogo Ferreira e Paulo Sousa. Sobre a partida, o treinador da AAC, Samuel Veiga, considera que "o jogo podia ter caído para a Académica como caiu para a Física, que foi mais feliz, tanto mais após nós termos falhado os lançamentos livres". No que diz respeito à performance na tabela classificativa, Samuel Veiga espera "que a Académica consiga o primeiro lugar na fase regular para ter vantagem nos playoffs, onde a pontuação volta a zero e o factor casa é preponderante".

A Proliga está agora ao rubro com a AAC Casino Figueira e Sampaense Tecoimbra a partilharem o topo da tabela com os mesmos pontos, apesar da vantagem pender para o Sampaense, que possui uma diferença de cestos mais positiva que a dos estudantes.

PUBLICIDADE

academica
empresa multidisciplinar

Coimbra é uma cidade de estudantes.

Se em 700 anos nunca tirou proveito de viver numa cidade universitária, procure a empresa multidisciplinar académica.

Agora você pode pô-los a trabalhar!

Telefone: 239410443 Fax: 239410439 Email: emacademica@hotmail.com



18 CULTURA

S. Francisco prega em Coimbra

A última peça de teatro escrita por Dario Fo sobe amanhã ao principal palco da cidade

Filipe Crawford desmultiplica-se em várias personagens em "O Santo Jogral Francisco", última produção do Teatro Casa da Comédia

Filipa Oliveira
Carla Santos

Amanhã e quinta-feira está em exibição no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), a peça de teatro "O Santo Jogral Francisco". Um texto de Dario Fo, com interpretação de Filipe Crawford e encenação de Nuno Pino Custódio.

A peça aborda cinco episódios da vida de S. Francisco de Assis, uma personagem considerada polémica na história da Igreja Católica pela sua frontalidade e justiça, cujas obras foram queimadas no tempo da Inquisição.

"Santo Jogral Francisco" é um monólogo que passa uma mensagem sobre a vida e os valores humanistas, constituindo também uma crítica à Igreja e aos poderosos que exerciam influência sobre os mais pobres.

O actor Filipe Crawford, que anteriormente interpretou outros textos de Dario Fo, fez um grande apelo ao humor e à criatividade para dar vida às mais diferentes e variadas personagens que surgem em cena umas a seguir às outras (o Narrador, os Populares, o Lobo de Gubio, o Cardeal Colona, o Papa), abrindo, assim, espaço, através das interpretações, tanto à sensibilização como à reflexão do grande público.



Teatro Casa da Comédia apresenta em Coimbra "O Santo Jogral Francisco"

blico.

O texto de Dario Fo potencia também diferentes emoções, que oscilam desde o riso até à comoção. Contudo, e segundo o próprio actor, "várias foram as dificuldades na preparação de um texto cujas personagens são muito ricas e multifacetadas, exigindo assim muita preparação a nível físico, de concentração e nos diversos níveis de interpretação".

Por sua vez, o encenador, Nuno Pino Custódio, privilegiou neste trabalho a relação do actor com os espectadores. A ideia é fazer passar um tom de proximidade entre as diferentes personagens, que se desdobram sucessivamente, as suas histórias e quem assiste à peça. O tom original da obra de Dario Fo foi preservado, tanto ao nível da teatralidade - "sui generis" - como a tradição de contador de histórias do

próprio S. Francisco de Assis. O texto é esvaziado da temporalidade alusiva a S. Francisco de Assis e os temas da peça ganham contemporaneidade. "O Santo Jogral Francisco" é a mais recente criação de Dario Fo. Nascido em 1926 em Itália, Dario Fo é autor de textos como "A História da Tigresa", "O Primeiro Milagre de Menino Jesus" e "Dídalo e Icaro", e recebeu o prémio Nobel da Literatura em 1997.

Um anjo que na queda conhece a metamorfose

Tiago Pereira de Carvalho
Ana Martins

A Companhia de Ballet Contemporâneo do Norte, estreia nos próximos dias 26 e 27 no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) o bailado "Teologia da Queda". A ideia foi fruto de reflexões e leituras feitas por Luís Carolino, responsável pela concepção, direcção e composição coreográfica do espectáculo, com o intuito de problematizar a condição humana na sua ascensão e queda.

Segundo Luís Carolino, este bailado consiste numa simbiose com a "dramaturgia teatral" e o próprio título, "Teologia da Queda", assume-se como "uma metáfora da transformação". Com um cunho essencialmente irónico, a vulnerabilidade da ascensão e da queda personifica esta transformação. Para Luís Carolino, torna-se "intrigante o facto, surpreendentemente teatral, de um anjo cair da graça do Senhor para se transformar num demónio", à imagem de Lúcifer.

Numa abordagem dos encontros e desencontros da "eterna alma", na posse do perdido e do vazio, entram em cena cinco personagens que protagonizam este mistério teológico. Cassandra, premonitória, que tudo vê e sabe, é, por isso, simultaneamente bendita e amaldiçoada, a única que sabe o caminho e a mais perdida. Na sequência da reminiscência do mito de Adão e Eva, aparecem os Gémeos e pelo meio uma criança e um cão, símbolos de "uma inocência mais ou menos perdida, mais ou menos ameaçada". Estas personagens assumem-se como representantes da "nossa eterna solidão de cães errantes sempre famintos de consolo" e da premente necessidade humana de busca incessante de apoio, acrescenta o coreógrafo.

Luís Carolino afirma ainda a sua intenção de transportar para o palco do TAGV a pretensão do homem em aspirar ao "conhecimento daquilo que não se pode conhecer", de alcançar o transcendente, o absoluto e o infinito, fazendo uso do seu livre arbítrio. Inserido nos propósitos do director encontra-se também a representação da falha humana de inferir de uma limitada parte do conhecimento um todo.

Com o intuito de "contribuir para a formação estética e a educação da sensibilidade de novos públicos", a Companhia de Ballet Contemporâneo do Norte procura, ao trazer este espectáculo a Coimbra, a descentralização da produção nacional. Espera ainda a "receptividade por parte de um público abrangente" e pretende, segundo o responsável, que "a subjectividade do espectáculo desperte diversas interpretações baseadas num espírito crítico relativamente à condição do Homem".

Folk Intimista Americano em Coimbra

O TAGV será o palco da primeira apresentação a solo em Portugal do músico Calvin Johnson, no próximo dia 20. O espectáculo é um "aquecimento" para as comemorações dos 18 anos da RUC

Bruno Fernandes

O estilo intimista, com folk à tradição norte-americana, de Calvin Johnson deverá trazer a Coimbra pessoas de outras cidades para assistirem a um espectáculo que será o único em Portugal. É esta a expectativa do presidente da Rádio Universidade de Coimbra (RUC), José Braga que pre-

vê ainda algumas surpresas, pois o músico é "espontâneo, simples e, se estiver bem disposto e o público puxar por ele, num bom ambiente, é capaz de fazer algo que as pessoas vão recordar por muito tempo".

Calvin Johnson nasceu em Olympia, no estado de Washington, nos Estados Unidos, e tocou em vários grupos, como os Beat Happening, uma banda rock underground que fez parte da cena musical de Washington, nos anos 80, e ainda dos Dub Narcotic Sound System e dos Halo Benders. Segundo José Braga esta "é uma onda musical que se integra no espírito da RUC".

Para além disso, o artista conhece bem o fenómeno das rádios universitárias, pois trabalhou numa rádio no liceu norte-americano de Evergreen State. "Foi um radialista e pode tocar os sentimentos de muitos jovens que estão a fazer rádio na RUC", afirma José Braga. Calvin Johnson também trabalhou na rádio KAOS e participou

numa fanzine musical, chamada "Subpop", que deu origem à editora com o mesmo nome. Durante este tempo, participou ainda em projectos, como os Stella Mae, Cool Rays e 003 Legion.

Calvin Johnson criou uma editora própria, a K Records, e também organizou o International Pop Underground Festival, um festival alternativo, nos Estados Unidos, para fazer frente à música e às grandes editoras comerciais. O artista ainda colaborou como produtor ou engenheiro de som com diversos músicos, como Beck, Built to Spill e John Spencer Blues Explosion.

O primeiro álbum a solo de Calvin Johnson foi editado em 2002, intitulado "What Was Me". É uma colectânea de músicas de arquivo da época em que participava nos Dub Narcotic Sound System. Neste trabalho, o músico uniu a sua voz de barítono com a guitarra, "lembrando o estilo de Leonard Cohen e chegando até ao extre-

mo de haver uma canção à capela, sem nenhum acompanhamento musical", diz José Braga. Na opinião do presidente da RUC, "What Was Me" é um disco que "apresenta uma maturidade ideológica e musical, pois, no geral, a sua obra andava por aquele espírito adolescente".

O espectáculo do próximo dia 20 vai contar ainda com a participação da one-man-band de Paulo Furtado, "The Legendary Tiger Man" e será uma "espécie de estágio para alcançar a maioria no dia 1 de Março, sendo o aquecimento, a despedida dos 17 anos", afirma José Braga. O principal concerto de comemoração dos 18 anos da RUC vai estar a cargo dos Wray Gunn, no dia 5 de Março, também no TAGV. Esta apresentação será integrada na Mostra Cultural da Universidade de Coimbra e contará ainda com "uma possível revelação artística, que pode ser definida como 'Os Três Estarolas'", remata José Braga.

O "Lado B" de Pedro Tochas

BRUNO GONÇALVES



Pedro Tochas, recusa a necessidade do palavrão para fazer rir os outros

É um dos percursores da stand-up comedy em Portugal, embora se considere, acima de tudo, um "performer". Diz que nunca foi ao "Levanta-te e Ri" porque não se identifica com o programa

Nuno Felício
Bruno Gonçalves

Um palco, um homem de pé, improviso, interação com o público. Foram estes os ingredientes que constituíram "Lado B - Stand-up Comedy", apresentado no passado dia 2, num Teatro Académico de Gil Vicente com lotação esgotada.

Partindo do momento em que, sozinho no palco, o artista tenta buscar o riso do espectador, este "performer" português desvendou, uma após outra,

todo o imenso leque de perícias artísticas que constituem o seu repertório. Géneros tão diferentes, que entraram pela improvisação, pelo diálogo com um grupo de pessoas que chega atrasado ao espectáculo, ou por uma parte final da actuação, na qual Pedro Tochas, que estudou na Universidade de Coimbra e passou pela Orxestra Pitagórica, deixa espelhadas toda a sua destreza e capacidades de mímica.

"Stand-up Comedy" (assim se completa o título deste "Lado B") parte de uma análise aos comportamentos da realidade que nos circunda. Esta é, aliás, uma das premissas para a construção do humor na stand-up comedy. Pegar no que está à nossa volta e dar-lhe uma roupagem, seja hiperbólica, sarcástica, desprovida de sentido aparente.

Mais do que um intérprete de stand-up, Pedro Tochas considera-se um "performer". Diz ter-se sentido influenciado por Steve Martin ("a fase de comediante de palco, não a dos filmes"); pelos Monty Python; ou, intramuros, por Herman José ("estamos a

falar de há 12 anos, também não havia assim grande coisa"). Ao longo dos 13 anos em que vem fazendo os outros rir, Pedro Tochas aproveitou para enriquecer a sua formação, tendo estudado malabarismo e teatro físico nos Estados Unidos e em Inglaterra. O eclectismo é uma das suas imagens de marca, destacando-se a vertente mais física do seu humor.

Conhecedor do que se passa lá por fora, Tochas não hesita em afirmar que o povo português não é tão expansivo como outras culturas, até porque considera que "ainda não conseguimos libertar-nos daquele controlo que impusemos à nossa sociedade durante anos. Mas, com calma vamos lá".

"Fui o único que recusei ir ao 'Levanta-te e Ri'"

Fenómenos como Fernando Rocha obrigam a questionar onde se posiciona, afinal, a fronteira entre a stand-up comedy pura, aquela que obriga o artista enfrentar uma plateia aparentemente desarmado, e uma sequência de anedotas às quais é transmitido um cunho pessoal (ver caixa).

Confrontado com a popularidade de Fernando Rocha, Pedro Tochas não se mostra minimamente incomodado com o tipo de humor que se pratica em Portugal. Há espaço para todos e "quantos mais melhor, para poder existir uma escolha". Refere que "cada um tem o seu estilo" e ao público caberá sempre a última palavra. "Há quem goste do meu estilo e há quem não goste", acrescenta. Questionado sobre a necessidade de recorrer ao palavrão ou à obscenidade para fazer rir os outros, Tochas recorda: "Eu não di-

go um único palavrão no meu espectáculo, por isso, não é por aí..."

Comediantes e potenciais comediantes brotam em Portugal. Esta profusão de novos humoristas muito ficará a dever ao fenómeno do programa televisivo "Levanta-te e Ri". Tochas refere, a propósito do humor cultivado na televisão, que o ambiente natural da stand-up comedy implica o contacto directo e ao vivo com um auditório. Adianta que já foi convidado a participar no programa, embora nunca tenha acedido. "Fui o único que recusei", afirma, "não tenho de aparecer na televisão". Acrescenta que o programa se rege por "critérios que não interessam" e aos quais não se quer associar.

Pedro Tochas promete regressar em breve a Coimbra com um novo espectáculo que será "completamente autobiográfico". Enquanto não estreia "Variety", o artista andará pelo país com um espectáculo que se vai construindo de noite para noite. "Work in Progress" será apresentado no Museu dos Transportes, entre 2 e 4 de Abril. Segundo o autor, consistirá numa actuação "à qual se seguirá uma sessão de perguntas e respostas". É o espectador que, juntamente com Tochas, constrói o espectáculo, até se atingir a versão final. "Estou a afiná-lo em permanência e resolvi partilhar o processo criativo um pouco com o público", diz o comediante.

Tochas desmistifica ainda o mito de que por detrás da capa do humorista se esconde uma personalidade triste. "Não sou uma pessoa triste", afirma, "sou divertido". Diz que faz comédia porque gosta: "Quem vê o espectáculo nota que estou a curtir".

Faça você mesmo

Aqueles que têm vocação para fazer rir os amigos ou estão fartos de aturar a sogra, os que acham que a vida dos outros é suficientemente trágica para merecer ser posta a nu, talvez considerem então a hipótese de iniciar uma carreira no mundo da stand-up comedy.

Em primeiro lugar, importa referir que esta arte de fazer rir em cima de um palco pouco tem a ver com o exercício de contar anedotas. Em comum, apenas o fim que perseguem: a gargalhada.

Nomes como Seinfeld, Eddie Murphy, Woody Allen, Jay Leno, Jim Carrey ou Robin Williams brilharam nos palcos de stand-up comedy. Em Portugal, coube a Pedro Tochas e Nilton Trilhar os primeiros passos neste género do humor. Com o fenómeno a chegar à televisão, figuras como Bruno Nogueira, Aldo Lima ou Ricardo de Araújo Pereira despontaram para o estatuto de "famosos" por conseguirem pôr o país a rir.

A criação de um estilo próprio é um valor acrescentado: há os cínicos, os ingénuos, os lunáticos, os chatos. Trata-se de vestir uma pele e de levar algo de diferente ao público. A regra base é, portanto, não imitar.

Fundamental é também (e muito) a preparação do texto. Não dispensa dois olhos bem atentos à realidade, e constrói-se a partir das vivências quotidianas de cada um. A vida real é sempre um depósito fiel de potenciais piadas. A preparação é, por isso, essencial. Só depois o improviso. Uma pesquisa na internet permite obter dicas sobre como começar.

Passo 0: Possuir um bloco de notas. Durante todo o processo de criação, será o auxiliar da memória do artista. As ideias surgem quando menos se espera e fogem ainda mais depressa.

Passo 1: Dividir uma folha de papel em três colunas. Na primeira, escrever coisas que nos preocupam. Na segunda, coisas que nos irritam. Na terceira, coisas que nos assustam. Captar as marcas da própria personalidade. Se formos capazes de rir de nós próprios, mais facilmente provocaremos o riso nos outros. Se se é feio, gordo, gago, esse é um bom ponto de partida!

Passo 2: Toca a construir a piada. É aqui que entra a criatividade do artista. Uma das principais diferenças entre o declamador de anedotas e um executante de stand-up comedy é que este último constrói a actuação a partir de uma criação própria. A piada obedece a uma estrutura básica: preparação, conclusão. A "preparação" é a parte na qual se expõe aquilo de que trata a piada. A "conclusão" ("punchline") é o ponto alto da piada, o momento da gargalhada (ou do fracasso).

Passo 3: Ordenar as piadas. A piada mais forte é aquela que termina a actuação. A segunda piada mais forte será escolhida para o início. Um dos segredos está em começar bem e fechar melhor.

Passo 4: Ensaiar, ensaiar, ensaiar. Se algo falhou, não é razão para desanimar. Há que tentar novamente. Um fracasso pode até ter bastante piada e provocar o riso na assistência. Mas atenção que não ter piada nenhuma, é piada que só resulta uma vez.

O culto do palavrão

Será o humor de Fernando Rocha stand-up comedy ou pelo contrário este limita-se a contar anedotas feitas? Uma das principais características da stand-up comedy é o uso do improviso, o que não se encontrará facilmente no humor de Rocha.

Pedro Tochas refere que se trata de "uma questão de gostos, estilos e técnicas. Felizmente temos muito por onde escolher em Portugal".

Uma característica de Fernando Rocha é o uso de expressões feitas como "É pó boujon", "Toma lá morangos", "Arreganha que lá vai tripa", entre outras que o público não se cansa de ouvir e repetir.

Outra das formas peculiares do humor do nortenho são as personagens e os nomes bem característicos. Quem, no Portugal de hoje, não sabe quem é o Tóne, o Tibúrcio, a Matumbina ou, mesmo, o Joãozinho?

Vê-se...



Alejandro González Iñárritu

"21 Gramas"

Com Sean Penn, Naomi Watts, Benicio Del Toro, Charlotte Gainsbourg, Clea DuVall - 125 minutos, cor, M/12, Drama

10/10

O peso da consciência

"Dizem que todos nós perdemos 21 gramas no exacto momento da nossa morte... toda a gente. O peso de um punhado de moedas de 5 cêntimos. O peso de uma barra de chocolate. O peso de um beija-flor..."

Quanto é que pesa o apreço pela vida? Quanto é que pesa o receio pela morte? Quanto é que pesa a vontade de praticar o 'Bem'? Quanto é que pesa a inevitabilidade do 'Mal'? Quanto é que pesa a perene mas ingénua esperança humana? Quanto é que pesa o remorso entranhado na pele ensanguentada? 21 gramas. O peso de uma vida estilhaçada diante dos nossos olhos absortos de tamanha violência.

"21 Gramas", o novo filme do mexicano Alejandro González Iñárritu (realizador do sublime "Amores Perros", 2000), escrito pelo habitual Guillermo Arriaga (já o tinha feito em "Amores Perros"), contém uma força interior poderosíssima, capaz de quebrar todas as resistências pessoais, uma a uma, de uma forma avassaladora, tornando perigosamente vulnerável a nossa percepção enquanto espectadores. Uma obra dura e rude como a própria vida, com uma narrativa fragmentada em pequenos estilhaços de vidro espalhados pelo chão, pequenas partículas de som e imagem separadas no tempo e no espaço que inicialmente parecem ser não mais do que um mero amontoado de histórias, momentos ou memórias sem ligação aparente. Uma forma de narração recorrente na obra de Iñárritu ("Amores Perros" foi montado de uma maneira muito similar), avançando e recuando no tempo como que intuitivamente, sem uma ordem estrutural, sem constrangimentos, apenas sentimentos. Cruzando inapelavelmente vidas desligadas umas

das outras através de acontecimentos exteriores (o acidente de automóvel também é um elemento recorrente), vidas que estavam destinadas a encontrarem-se, desde o início, como que cumprindo um destino previamente escrito.

O sofredor Paul Rivers (Sean Penn, em mais uma representação absolutamente notável, sem dúvida alguma) habita um obscuro limbo entre a vida e a morte. A obstinada Mary Rivers (Charlotte Gainsbourg) pretende ter um filho de Paul, através de inseminação artificial, mesmo sabendo que o pai não tem muito tempo de vida. A amargurada Cristina Peck (Naomi Watts, uma grande atriz que se revelou em "Mulholland Drive", de David Lynch) isolou-se do mundo circundante para sarar uma dor incomensurável. O arrependido Jack Jordan (Benicio Del Toro, em grande nível, como sempre) refugiou-se na redenção religiosa de forma a não soçobrar perante as forças inversas que o perseguiram desde sempre. Todos estes fragmentos de vida, de existências paralelas, não têm, aparentemente, qualquer ligação entre eles. Mas com o desenvolvimento do filme, perante a cadência constante e poderosa de novas imagens, novas reincidências, novos elementos, os caminhos das personagens acabam por se cruzar de uma forma incontornável, desembocando numa espécie de epifania, reveladora de uma ordem das coisas anteriormente escondida, ocultada, como que brincando com as nossas emoções, os nossos sentimentos. E é nesse preciso aspecto que Iñárritu é simplesmente brilhante.

Um filme absolutamente imperdível, para ver e rever sucessivamente, como que estimulando uma perversa atracção pela dor, pelo prazer que conseguimos retirar dela, a dor de viver. **Gustavo Sampaio**

Em negativo...



Paulo Jorge Vieira, "não te privas" - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais

Um filme - "The Pillow Book", (1996), realizado por Peter Greenaway

Um actor - Sean Connery

Uma actriz - Meryl Streep

Um realizador - Peter Greenaway

A cena marcante da história do cinema - O suicídio de Richard em "As Horas"

Navega-se...

Cyburbia

Cada vez mais o planeamento urbano é de vital importância para o bem-estar das populações citadinas. Depois de um número especial sobre "Pensar Coimbra" fica bem mostrar um sítio de onde se pode retirar muita informação sobre o planeamento urbano. Cyburbia é o mais velho portal existente na Internet dos dedicados ao planeamento urbanístico. Foi criado em 1994 na Universidade de Buffalo apenas como uma colecção de ligações para sítios de planeamento urbano e de arquitectura. A partir daí foi crescendo através de contribuições individuais e de parcerias com outros sítios. Neste sítio pode-se encontrar um directório de sítios com informação sobre planeamento e urbanismo. Também há informações sobre mailing lists e newsgroups acerca deste tema. No próprio sítio existe um fórum de discussão e uma galeria de imagens. Há duas secções de vendas. Uma é a livraria (que liga a Amazon) e a outra tem material diversificado ligado ao sítio (canecas, t-shirts, etc.). <http://www.cyburbia.com>

O amigo especial

As pessoas que já tiveram animais de estimação sabem o quanto eles são especiais para os seus donos. Pet of the Day é um tributo destes aos seus animais de estimação. Aqui pode-se dar a mostrar o seu animal de estimação ao mundo. Há o "Pet of the Day" que é para todos os tipos de animais, o "Cat of the Day" e o "Dog of the Day". Junto à fotografia do "amigo" do dia aparece o nome do animal, a sua raça e tipo, sexo e de onde é. Depois, há espaço para escrever um pequeno texto sobre o animal. É possível inscrever o seu animal todos os dias, para tal basta enviar um mensagem de correio electrónico com uma fotografia para pet@petoftheday.com e com a idade, nome, espécie ou raça, cidade e país de residência do animal. É necessário incluir um pequeno texto a explicar o que é que o torna tão especial. <http://www.petoftheday.com>

Ingrês

Este sítio é dedicado exclusivamente à recolha de erros ortográficos nos anúncios japoneses escritos em inglês. Claro que a recolha de frases não tem como origem só os anúncios e produtos japoneses. As frases vêm de todo o mundo, o que interessa é que a frase seja engraçada e que contenha erros gramaticais ou ortográficos. Há uma secção onde se explica o que é o "english", e porque é que está mais vocacionado para o Japão do que para outros países, uma secção com novidades, uma loja com "merchandising" ligado ao sítio e ainda um fórum para os visitantes. As frases estão organizadas tematicamente, como por exemplo anúncios a doces, carros, menus de restaurantes, instruções de uso de diversos objectos, entre muitas coisas. <http://www.english.com>

Animais

"Pet of the Day"

www.petoftheday.com

Nuno Curado

Lê-se...



Ary dos Santos

“Obra Poética”

Edições “Avante”, 1994.

7/10

Um poeta único

“Em Portugal o mal é ancestral / tem raízes no sal tem ruído nasal / desde que uns olhos se partiram tristes / Esta nossa saudade lacrimal / É hoje um mineral: / otorinolaringoestactite que já não é a nossa.”

Mas Ary, a genialidade da sua escrita, das suas palavras—carne com que violenta “o cerne do silêncio”, é mais do que supomos. Mais do que a dicotomia direita/esquerda, é a suspensão do tempo, a apneia e a vertigem da crueza e a sensibilidade de pegar “o mundo pelos cornos da desgraça e fazer da tristeza graça”, misturando o amor, o sangue, a história, a cultura, a ironia condoída, o corpo, o sofrimento, o orgulho de quem não se dobra ao cómodo da cobardia, com a realidade quotidiana das pequenas coisas. Um poeta único, em que as metáforas estão depois das palavras que todos conhecem, numa ânsia desesperada de agarrar e vomitar o mundo à procura desse lugar do poeta original “capaz de escrever em sismo/ (...) expulso do paraíso/ por saber compreender/ o que é o choro e o riso;/ aquele que desce à rua/ bebe copos quebra nozes/ e ferra em quem tem juízo/ versos brancos e ferozes”.

A própria mancha gráfica dos poemas de Ary revela-nos este mascar da vida pelas palavras, surgindo o poema num ritmo peculiar em que as palavras se deslocam numa harmonia viva.

Um poeta a (re)ler e a saber ler.

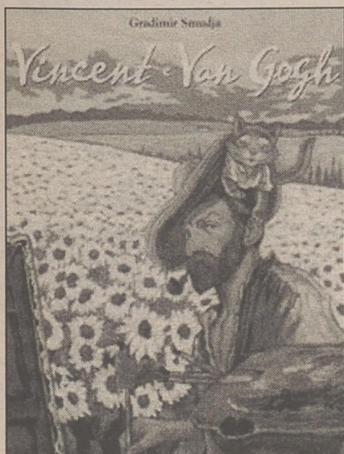
“De sílabas de letras de fonemas se faz a escrita. Não se faz um verso. Tem de correr no corpo dos poemas o sangue das artérias do universo.

Cada palavra há-de ser um grito. Um murmúrio um gemido uma erecção que transporte do humano ao infinito a dor o fogo a flor a vibração.

A Poesia é de mel ou de cicuta? Quando um Poeta se interroga e escuta Ouve ternura luta espanto ou espasmo?

Ouve como quiser seja o que for Fazer poemas é escrever amor E poesia o que tem de ser é orgasmo.” **Andreia Ferreira**

Desenha-se...



Vicent e Van Gogh

“Gradimir Smujda”

Witloof, 2003.

10/10

Homenagem à pintura

Este álbum, vencedor da 14ª edição do Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora, revela-se como algo inovador e surpreendente no que até agora tinha sido feito nesta área, surgindo como uma homenagem a todos os grandes pintores dos movimentos impressionista e surrealista.

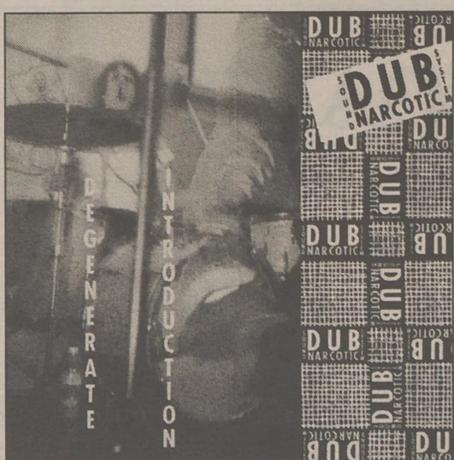
Obra de estreia do autor, Gradimir Smujda fala-nos aqui acerca de Van Gogh, especialista na análise de quadros acerca de Paris, mas que tem a secreta ambição de ser ele também um artista. Contudo, sentindo-se desiludido por ser sempre ultrapassado e ser considerado um inútil pelos outros grandes artistas, como Monet ou Gauguin, decide abandonar a sua cidade e refugiar-se na Provence. E é aqui que surge a inovação do livro. Smujda colo-

ca as obras do pintor como tendo sido realizadas por Vincent, um gato alegre e travesso que não é mais do que uma metáfora do lado negro e alienado do pintor. E conta-nos isto de uma forma onírica, descontrada, em jeito de fábula marcada pelo humor negro, relatando uma série de situações sérias de um modo divertido.

A arte adequa-se ao argumento genial do livro, apresentando um estilo gráfico próximo da técnica do pastel, influenciado pelas pinceladas impressionistas das obras e autores que o álbum trata.

Este livro é assim uma obra imprescindível a qualquer colecção, retratando de uma forma magistral uma das mais memoráveis e geniais épocas da história da pintura e, sobretudo, um dos seus maiores representantes. **José Miguel Pereira**

Ouve-se...



Dub Narcotic Sound System

“Degenerate Introduction”

K Records, 2004.

9/10

Raw Power Mutante

Esta matilha atravessou a puberdade a ouvir punk, na pós-adolescência descobriu o funk, mais tarde ainda davam umas passas a ouvir dub e de há cinco anos para cá andavam entretidos com outros projectos e alguns concertos esporádicos e vai daí resolvem, cinco anos depois de se terem reunido com a Jon Spencer Blues Explosion num estúdio durante alguns dias e gravarem “In a dancehall style”, voltar a gravar um disco e Olympia volta a ser palco de movimentações ao mais alto nível com o selo da K records.

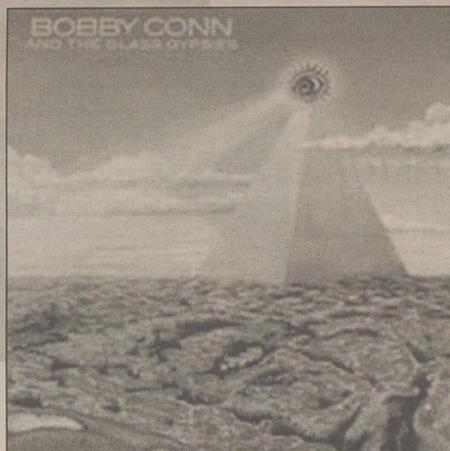
“Boot Party” já havia deixado no ar a impressão de que os Dub Narcotic Sound System se sagariam um fenómeno, mas “Out of my Mind” acalmou os mais entusiastas, eis que voltam a pegar em todas as suas raízes e, muito sinceramente, valeu a pena esperar meia década para poder ouvir um trabalho único.

Tanto recriam um dub em “Code of the West”, como o funk em “Blood Flow”, convidam Heather Dunn para cantar “Fuck me Up” e emprestam novo sentido ao termo frenético em “Joint Joint”.

“Outer Space Groove Funk Dub Rock” para dar e vender numa atmosfera de jam session constante, onde a criatividade plena de Calvin Johnson, (que vai estar em concerto no próximo dia 20 no Teatro Académico de Gil Vicente), se deixa embalar por uma linha de baixo que chega a fazer corar de inveja tanto as bandas do momento que tentam desterrar os Gang of Four, como os mais criativos habitantes do ainda movimento indy.

E porque o rock parece estar a ressurgir em força e a tornar-se mais fashion que os desfiles de Paris ou Milão, nada como voltar a ouvir um disco que tem tudo no sítio e transpira energia pura e genuína.

“Degenerate Introduction” é, mais do que um disco, uma experiência tal e qual um bilhete só de ida ao universo onde o rock não morreu nem voltou a emergir, apenas absorveu todas as influências que conseguiu e manteve o seu espírito tão característico de finais de há umas décadas. **Hugo Ferreira**



Bobby Conn With The Glass Gypsies

“The Homeland”

Thrill Jockey, 2003.

9/10

O Anticristo e os rebuçados

Bobby Conn é um homem de excessos. Ou melhor, Bobby Conn é um artista de excessos. Os seus concertos são mistos épicos de circo-rock, performance e maquiagem, com um omnipresente cruzamento de géneros musicais e a desmedida ambição artística de um homem que já afirmou ser o Anticristo. Mas o Anticristo nunca poderia assobiar tão bem...

No novo disco, uma vez mais, Bobby Conn mistura David Bowie, Frank Zappa, Jeff Buckley, T Rex, Serge Gainsbourg, Alice Cooper, Roxy Music, Tom Jones, Motörhead, Diana Ross, Bee Gees e uma versão rasteira de Noam Chomsky. Mistura a atitude glam dos anos 70 com ritmos disco de 80, tiques de metaleiro virtuoso com refrões que são autênticas pérolas pop, vivacidade rock e electrónica abstracta - electrónica sobretudo presente nos quatro interlúdios de “The Homeland”. O resto é uma montanha de timbres, construída com um sem número de instrumentos e técnicas de estúdio. Dez rebuçados de três minutos que nos agarram imediatamente pela sensibilidade melódica e perversão rítmica.

As letras são eventualmente o que poderá deixar mais dúvidas. No limite do panfletário, há críticas ao presunçoso moralismo norte-americano, à administração Bush, à invasão do Iraque e à sua legitimação religiosa, aos relatórios dos serviços secretos alegadamente falseados, à questão da real democraticidade na eleição do actual presidente americano... E há também preocupações mais genéricas como a liberdade sexual, a crítica ao espírito consumista, a superficialidade e hipocrisia de alguns dos postulados valores americanos... Tudo isto feito com uma elevada dose de inventividade, sentido de humor e corrosiva ironia. É como se Conn, em vez de escrever uma carta ao seu congressista, tivesse decidido gravar um disco. E muitas vezes coloca-se precisamente no papel do objecto criticado. Como em “Relax”, onde se faz passar pelo próprio presidente norte-americano, com uma mão na Bíblia e a outra, com o indicador estendido, a apontar para a bola de espelhos.

Pelo exagero das caricaturas, ficamos sempre na dúvida até que ponto a auto-irrisão deste americano é realmente para levar a sério. Mas isso provavelmente faz parte do seu encanto... **Rodrigo Paulino**

22 AGENDA

Em palco...

Coimbra na órbita da Teatrosfera

"Teatrosfera"

Festival de teatro infantil composto por três peças: "Anónimos", "S.O. Eça" e "Galináceos"
 Companhia: Teatrosfera
 Encenação: Paula Sousa e Paulo Oom
 Local: TAGV
 De 4 a 7 de Fevereiro

"Anónimos", "S.O. Eça" e "Galináceos", foram os espetáculos que fizeram parte do ciclo da Companhia Teatrosfera que se realizou no Teatro Académico Gil Vicente entre os dias 4 e 7 de Fevereiro. Estórias marcantes e para todos os gostos, que variaram entre o infantil, passando pelo non-sense e chegando ao literário.

Cinco pessoas que se encontram numa estação de comboios qualquer e começam uma conversa que não pretendia chegar a lugar algum, mas que os levou a conclusões (e confusões) que nenhum dos diferentes participantes esperava encontrar e viver naquele dia. Tudo temperado com muito humor e um enorme sarcasmo. Esta foi a primeira peça, com os "Anónimos", abrindo espaço para o segundo espectáculo do ciclo: "S.O. Eça", uma divertida e didáctica viagem às profundezas do mundo de Eça de Queiroz inspirada nas obras "O primo Basílio", "A



Teatrosfera deixou boas memórias no TAGV

Relíquia", "A cidade e as serras" e "Os Maias".

O grupo teatral de Sintra finalizou a sua passagem por Coimbra com o espectáculo "Galináceos" dirigido para o público infantil (e para alguns adultos com um pouco mais de gosto por musicais do que eu), com dança, música e um engraçado diálogo entre três galinhas e um jovem galo que se orgulhavam de pertencer à "pré-histórica" linhagem gali-

nácia.

Mesmo com a apresentação de diferentes temas, o grupo Teatrosfera mostrou para o que veio. O profissionalismo estava estampado nas interpretações das várias personagens que deve, com certeza, ter deixado mais uma boa impressão do trabalho do grupo na memória dos espectadores que estiveram nas cadeiras do Gil Vicente neste começo de Fevereiro. **Cláudio Vaz**

Outros rumos...

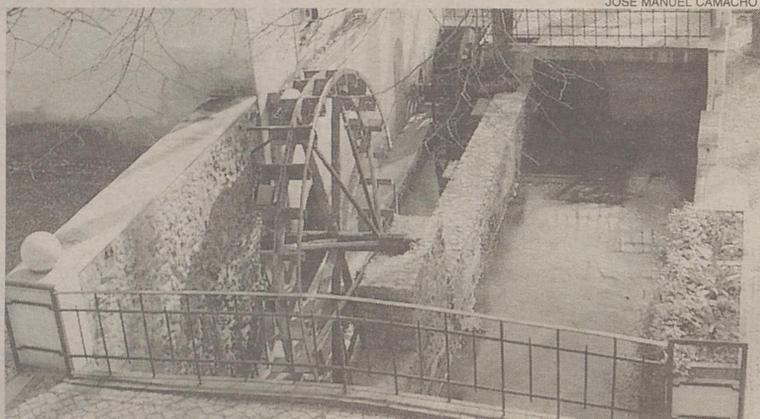
Visita de estudo cá dentro

So(ure) para contrariar

Uma mudança de ares só para mandar o stress passear

Numa altura em que os estudantes de Coimbra estão em época de exames, nada como dar uma volta perto do local de estudo para relaxar e ganhar inspiração para as batalhas que se avizinham. Estar confinado numa sala de estudo dias a fio a malhar aqueles apontamentos que pedimos a outrém e com letra ininteligível sempre dá cabo da cabeça de qualquer um...

Situada a 30 minutos de comboio de Coimbra, Soure apresenta-se como uma simpática vila que, embora pequena, tem já muitos séculos de história. Conquistada no tempo de D. Afonso Henriques, foi entregue aos Cavaleiros Templários em 1147. Este facto histórico está embutido em relevo nas paredes do Tribunal de Comarca de Soure, nos dois lados do portão do edifício. Outro facto material



Soure

histórico reside no que resta do castelo, situado numa das pontas da vila.

Embora sem muitos atractivos que saltem à vista, Soure tem aquele pulsar típico dos pequenos lugares. Numa tarde solarenga de domingo, há sempre aquela junção de idosos na praça principal, que nem um bando de pombos, para tomarem o digestivo pós-almoço num dos cafés próximos e conversarem. Famílias cidadinas a chegarem de carro para irem visitar os velhotes.

"Sim, mas para que é que eu quero isto?"

pergunta o estimado leitor. Bem, pelo menos vai ver outra coisa diferente do que andar a admirar todos os cantos da sala de estudo e pensar se vai ou não àquele exame. Sai da cidade, almoça num daqueles tascos regionais em que o dono, o filho e a patroa comem juntamente com os clientes, depois pode acompanhar a pé os GNR's para ver uma futebolada dos regionais e, quem sabe, renovar a sua casa de banho no João Chula-Rei dos Azulejos, que só "vende qualidade". **José Manuel Camacho**

A não perder...

Teatro

- TAGV -
 O Santo Jogral Francisco
 Teatro Casa da Comédia,
 encenação de Nuno Pinto
 Custódio,
 Amanhã e Quinta

- Teatro do Inatel -
 Três Horas Esquerdas
 Marionet,
 encenação de Mário
 Montenegro
 A partir de amanhã
 até dia 21
 (Quarta a Sábado)

Música

- TAGV -
 Remix Ensemble
 Direcção musical de Yoichi
 Sugiyama,
 Sexta
 Mísia
 Apresentação do álbum
 "Canto"
 Dia 19

Dança

- TAGV -
 Teologia da Queda
 Ballet Contemporâneo do
 Norte
 Concepção e direcção de
 Luís Carolino
 Dia 26 e 27

Exposições

- TAGV -
 Entrelinhas do Espectáculo
 Fotografia de Marina
 Vieira da Silva e José
 Fabião,
 Até domingo
 Ilustrarte, Bienal
 Internacinal de Ilustração
 para a Infância 2003
 Comissariado pela Câmara
 Municipal do Barreiro
 De 19 a 7 de Março

- Centro de Artes Visuais -
 Jemima Stehli
 Fotografia,
 Até 21 de Março

- Edifício Chiado -
 Exposição de pintura de
 Tran Hong Duc (Vietname)
 Pintura abstracta,
 De quinta a 28 de Março

- Galeria Almedina -
 Exposição de pintura de
 Vicente de Brito
 Arte Contemporânea,
 Até 22 de Fevereiro

- Galeria do Refeitório
 Mosteiro de Santa Cruz -
 Memórias de Santa Cruz
 Exposição sobre o mosteiro,
 Até 29 de Fevereiro

Cinema

- Cinemas Millenium
 Avenida -
 Cine-Teatro
 Romance Arriscado
 De John Hamburg
 Todos os dias - 13h45,
 16h00, 18h00, 20h00,
 22h00, 00h

Estúdio 1
 21 Gramas
 De Alejandro González
 Iñarritu
 Todos os dias - 14h15,
 16h45, 19h15, 21h45, 00h15

Estúdio 2
 O Grande Peixe
 De Tim Burton
 Todos os dias - 14h, 16h30,
 19h00, 21h30, 24h00

Sessão Especial
 Os Imortais
 De António Pedro
 Vasconcelos
 Hoje - 19h00,
 amanhã - 19h00 e 24h00

- Cinemas Girassolum -
 Sala 1
 Romance Arriscado
 De John Hamburg
 Todos os dias - 14h30,
 16h45, 19h00, 21h30

Sala 2
 A Casa do Campo
 De Mike Figgis
 Todos os dias - 14h45,
 17h00, 19h15, 21h45

- TAGV -
 Ciclo Vintage 2003
 Elephant
 De Gus Van Sant
 Segunda - 21h30
 Dolls
 De Takeshi Kitano
 Dia 17 - 21h30
 Cidade de Deus
 De Fernando Meirelles
 Dia 28 - 21h30

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Director Emanuel Graça Chefe de Redacção João Pereira Editor de Fotografia Jonas Batista Editor de Academia e Universidade Tiago Azevedo Editor de Cidade, Nacional e Internacional Mário Guerreiro Editora de Ciência Lurdes Lagarto Editor de Desporto João Cortesão Editor de Cultura João Vasco Secretária de Redacção Liliana Guimarães Paginação Emanuel Graça Redacção Ana Maria Oliveira, André Jegundo, Bruno Fernandes, Bruno Gonçalves, Bruno Vicente, Carina Fonseca, Carla Pinto, Carla Santos, Carlos Portela, Cecília Santos, Cláudio Vaz, Cristina Bastos, Diana Ramos, Dinarte Melim Velosa, Filipa Oliveira, Gustavo Sampaio, Hélder João Pinto, Hugo Ferreira, Inês Saraiva, Joana Moreira, João Pedro Marques, Jorge Vaz Nande, José Manuel Camacho, Kossaqui, Leila Campos, Marco Pereira, Margarida Matos, Maria João Lopes, Marília Frias, Marilyne Alves, Marta Poiars, Nuno Braga, Nuno Curado, Nuno Felício, Olga Telo Cordeiro, Patrícia Lourenço, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Costa Gomes, Rita Delille, Rui Justiniano, Rui Pestana, Sandra Dias, Sara Cardoso, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, Soraia Letra, Suzana Marto, Tiago Pereira de Carvalho, Tiago Pimentel, Vítor Aires, Vítor Rodrigues e Oliveira Colaboradores Ana Martins, Andreia Ferreira, Ângela Loureiro, António Leitão, Arlete Morais, David Jacob, João Pedro Campos, José Miguel Abrantes, José Miguel Pereira, Liliana Carona, Liliana Gonçalves, Marisa Ferreira, Nádia Albasini, Patrícia Ramos, Ricardo Duarte, Rita Faria, Rita Gouveia, Rosa Ramos, Sandra Pereira, Tiago Almeida Fotografia Ana Laura, Ana Maria Oliveira, Bruno Costa, Carla Pinto, Clarisse Magalhães, Cláudio Vaz, Daniel Sequeira, Francisca Moreira, Joana Fonseca, Jorge Vaz Nande, José Sousa, Marilyne Alves, Pedro Costa Gomes, Pedro Bonifácio, Rui Couto, Susana Ventura Publicidade Sofia Carvalho - 239821554; 914941677 Impressão CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com Tiragem 3000 exemplares Produção Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Propriedade Associação Académica de Coimbra Agradecimentos Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

A CABRA
 Jornal Universitário de Coimbra

Secção de Jornalismo,
 Associação Académica de Coimbra,
 Rua Padre António Vieira,
 3000 - Coimbra
 Tel. 239821554 Fax. 239821554

acabra.net
 Jornal Universitário de Coimbra

Rápo-Táxo sem inspiração feminina

Primeiro elemento feminino da Real República Rápo-Táxo vai sair da casa, após ter mudado os hábitos daquela comunidade

Liliana Guimarães

Irina Mendes é, actualmente, o único elemento feminino da Real República Rápo-Táxo. Foi a sua passagem a elemento da casa que tornou esta república uma casa oficialmente mista. No entanto, Irina vai regressar aos Açores dentro de três semanas. O *Jornal Universitário de Coimbra* foi auscultar a vida feminina de uma república, pela voz de quatro habitantes.

A Real República Rápo-Táxo foi durante quase meio século uma casa masculina. No entanto, e como aponta o residente Nuno Seabra, "já viveram outras raparigas na república". Mas nenhuma mulher chegou a ser elemento de casa antes de Irina. Estes repúblicos não sabem explicar porquê. Alfredo Lucas, habitante da Rápo-Táxo, lembra as meninas que foram desistindo e as estudantes Erasmus que já passaram pela casa. E prossegue afirmando que "nem todas as raparigas têm a predisposição para viver só com rapazes, nas condições que tem uma república". Mas Irina Mendes achou que "era uma coisa perfeitamente normal". Os pais, ao início relutantes, acabaram



Irina Mendes de saída da Real República Rápo-Táxo

por aceitar a ideia e, como refere Irina, "até já se preocupam com os rapazes cá de casa".

Nos primeiros dois anos em Coimbra, Irina morou só com raparigas. Porém "o balanço é mais positivo para o lado dos rapazes", acrescenta. Segundo Irina, o espírito e a convivência são completamente diferentes, "há mais companheirismo, mais união entre homens". A jovem estudante de Turismo considera que viver só com rapazes é "uma coisa bastante saudável que todas as pessoas

deveriam experimentar". Fica a conhecer-se melhor o outro lado da moeda o que culmina numa "maior compreensão e à vontade". Irina acrescenta ainda um pormenor insólito: viver só com rapazes numa república tornou-a mais organizada. Isto porque "sente-se um brio maior em ter as coisas todas no sítio, especialmente porque os rapazes também têm".

Tanto Alfredo Lucas, como Nuno Seabra e Marco Ramos são peremptórios a afirmar que, para eles, Irina

é como se fosse um homem, "mais um qualquer elemento da casa". Mas Nuno Seabra aponta um aspecto interessante de ter uma mulher a viver com eles: comportam-se de maneira diferente. Não podem "andar nus pela casa", mas Nuno acrescenta que lhes "faz bem ter uma companhia feminina em casa".

Alfredo Lucas graceja que a república "é uma escola; desde carpintaria até gestão de contas", aprende-se muito de vida doméstica. Irina ri-se, em sinal de acordo, acrescentando a

vez em que desenroscou os canos do lava-louça com mais um habitante da Rápo-Táxo. E Alfredo remata com a lembrança de momentos únicos passados em conjunto. O dia em que se juntaram todos os habitantes da casa e limparam a fossa. Afinal de contas, como afirma Alfredo, "não é qualquer rapariga que pega num balde de merda e o vai despejar lá longe".

Mas o rasganço de Irina é já dia 27 e avizinha-se o seu regresso aos Açores. "Vai ser muito difícil", antevê. Irina tem a certeza que vai "sentir muita falta do nível de decibéis da casa". Irina sabe que vai ser uma mudança drástica, mas leva consigo as memórias de "alguém sempre a fazer uma palhaçada", ter sempre alguém em casa ao fim de semana e de, a qualquer hora, "haver sempre alguém acordado".

Alfredo Lucas crê que "difícilmente tão cedo volta a haver uma mulher elemento da Rápo-Táxo". Refere como causa a "ideia que as raparigas, no geral, têm das repúblicas". Mas Nuno Seabra parece manter a esperança de encontrarem "um elemento feminino". Afinal de contas, agora que a Rápo-Táxo é uma casa mista "é para manter" declara Alfredo.

É nesta altura que a república se prepara para receber novos ou novas comensais. Irina gostaria de deixar no seu lugar uma pessoa que ganhasse o mesmo "amor às pessoas, à casa e às coisas" que ela própria tem. No entanto, não encontrou essa pessoa e os restantes habitantes continuam à procura de uma nova moradora.

42 horas de Elvis

Um imitador de Elvis Presley estabeleceu um novo recorde ao cantar 42 horas consecutivas.

Aos 36 anos, o padeiro alemão Franz Nübel, quebrou o recorde mundial de 40 horas. Recorde esse que pertencia a um compatriota de Hamburgo.

Foram 60 canções de Elvis, repetidas 13 vezes, que Nübel interpretou. A actuação começou às cinco da manhã de uma quinta-feira, terminando 42 horas, 16 minutos e 8 segundos depois, às 23h17 de sexta-feira. Nübel escolheu o tema "Viva Las Vegas" para iniciar o espectáculo.

D.P.



Franz Nübel

Uma estrela na ONU

Drew Barrymore foi a primeira pessoa nomeada "Um Amigo da ONU", pela organização recentemente criada, "Artistas para a ONU". Esta associação é uma parceria entre as Nações Unidas e a 'Global Vision for Peace', que pretende encontrar soluções globais para os problemas do mundo. Para isso, os artistas podem ser mandatários da ONU e veículo condutor de ideais.

Na conferência de imprensa nas Nações Unidas, Drew Barrymore declarou acordar todas as manhãs a pensar "que mais se pode fazer para tornar o mundo melhor, mais feliz, mais pacífico e bonito?". A resposta parece residir em usar um pin da pomba da paz na lapela e ser amiga da ONU.

A actriz foi homenageada no início do mês com uma estrela no Passeio da Fama em Hollywood Boulevard, Califórnia. Barrymore faz parte de uma família de grande importância no cinema americano. Havia já quatro membros desta família com uma estrela naquele passeio.

Drew Barrymore iniciou a sua carreira aos cinco anos, no clássico de 1982 "E.T.", de Steven



Drew Barrymore no Passeio da Fama e na ONU

Spielberg. Durante a adolescência teve alguns problemas com estupefacientes e álcool. No entanto, participou em dezenas de

filmes até agora. A sua mais recente película intitulou-se "50 First Date", ainda sem data marcada para estrear em Portugal.

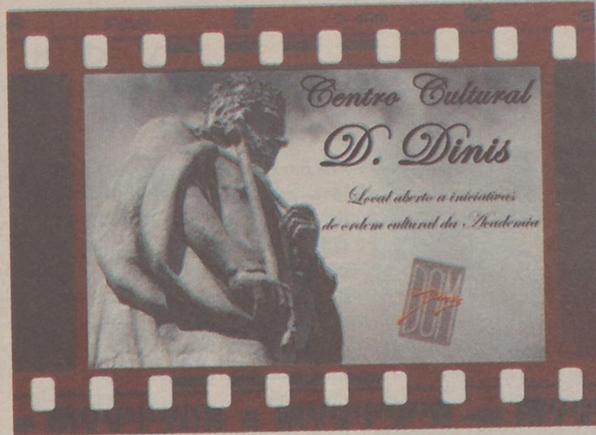
Novo Tamagotchi

A Bandai vai lançar a nova versão do animal electrónico que fez sucesso na década de 90. O Tamagotchi Plus pode apaixonar-se, namorar, casar e até ter filhos.

Lançado em 1996, o Tamagotchi é um pequeno aparelho em forma de ovo com a imagem de um animal num ecrã LCD. O dono do Tamagotchi, para mantê-lo vivo, tem que o alimentar e cuidar dele, pressionando os botões do aparelho. Caso contrário, o monitor fica em branco, o animal morre.

A primeira versão destas ciber-criaturas foi proibida em algumas escolas na China, Hong Kong, Tailândia, Canadá e Filipinas. A nova versão inclui uma porta de infra-vermelhos permitindo aos Tamagotchi Plus comunicar entre si. Os donos podem fazê-los competir ou oferecer presentes. O Tamagotchi Plus está ainda preparado para cultivar intimidade, podendo vir a estabelecer relações de amizade e amor. Podem casar e até procriar.

Entre 1996 e 1998 a Bandai vendeu cerca de 40 milhões de unidades. Em Março inicia-se a comercialização do Tamagotchi Plus no Japão a cerca de 20 euros cada. A Bandai estima para o Verão de 2004 a comercialização internacional do Tamagotchi Plus em seis cores diferentes.



IMAGETICA

Por Gustavo Sampaio (texto) e Jonas Batista (fotografia)

Tive um sonho premonitório, uma espécie de profecia divina, algo que tenho a certeza que vou experienciar num futuro mais ou menos próximo, tal foi a intensidade com que vivi a situação, quase real, quase concreta, desembocando num acordar sufocante, aos soluços, com as lágrimas nos olhos, o peito apertado e um sabor amargo na boca ressequida. Não me consigo recordar do sonho em si, não tenho elementos suficientes para o descrever, para formar uma narrativa, mas continuo a senti-lo, palpitante, no meu interior, como uma memória pesada que não me larga, obsessiva, opressora, confrangedora, algo que tento esquecer com todas as minhas forças mas que acaba por reaparecer sempre mais uma vez, e outra vez, e outra, e outra, e nos raros momentos em que parece ter desaparecido de

vez, nas raras situações em que consigo voltar a respirar livremente, com fluidez, serenamente, a dor volta a aparecer, ainda mais forte, ainda mais torturante, como que revigorada pelo breve período de ausência. Subversivamente alojada no meu subconsciente, enquanto "domínio dos processos mentais que escapam completamente - ou quase - ao campo do conhecimento, processos que já aí se situaram e susceptíveis de regressar a ele, mas que exercem influência mais ou menos acentuada no curso da vida mental", a lembrança da dor sofre erupções regulares que a elevam fatalmente à minha consciência, alterando consideravelmente o curso dos meus pensamentos. É nessas alturas que costumo abrigar-me no cimo dos telhados, sob a cidade transfigurada, contemplando o céu de azul-melancolia.



Universidade de Lisboa com novos cursos

José Manuel Camacho

A Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL) vai lançar licenciaturas em parceria com a Faculdade de Medicina e com o Instituto Nacional de Engenharia e Tecnologias de Informação (INETI). Uma licenciatura em Macrobiofísica em parceria com Medicina e em colaboração com a Faculdade de Farmácia, bem como a abertura do curso de Energia e Ambiente a desenvolver com o INETI, foram aprovadas há duas semanas pelo Senado da UL. O principal objectivo destas formações é contrariar a quebra da procura na área das ciências, nomeadamente na Física.

Segundo o responsável pela FCUL, Nuno Guimarães, a instituição não preencheu a totalidade das vagas mas também não tem cursos vazios. Mesmo assim, o professor aponta que a raiz do problema para a quebra da procura em cursos tecnológicos reside nos métodos de aprendizagem dos alunos e na formação dos professores.

Nuno Guimarães acrescentou também aos meios de comunicação social que a extensão da escolaridade obrigatória para os 12 anos é um "divórcio entre os ensinos superior e secundário". Isto porque as instituições universitárias notam que o secundário não está a preparar bem os alunos e têm de realizar iniciativas do tipo "ano zero", que permitem preparar os alunos para entrarem no superior.

O professor afirma também que neste modelo de ensino obrigatório a qualidade vai baixar em virtude da massificação do ensino e que as universidades, ao formar os seus alunos em "espaços privados", vão desvirtuar todo o sistema tornando-o menos equitativo e justo.

AAC inova com proposta de lei

A AAC apresentou um "Contributo para a Lei de Bases da Educação" aos grupos parlamentares numa tentativa de criar opções viáveis ao projecto de lei do governo

Nuno Braga

A realização deste projecto é uma das formas que a AAC encontrou para dinamizar a luta contra a actual lei de bases por considerar, segundo o presidente da Direcção-Geral da AAC, Miguel Duarte, que "a proposta do governo desresponsabiliza o estado e divide responsabilidades entre o ensino particular e o público, quando eles nunca devem ser complementares".

Miguel Duarte afirma que o ensino

público "deve existir para assegurar o ensino superior e o particular apenas para quem o possa pagar e deve estar à parte das necessidades do país". Ainda de acordo com o dirigente, esta proposta apresenta alguns "artigos inovadores, como por exemplo o da obrigatoriedade da existência de infra-estruturas de acção social escolar nos estabelecimentos de ensino".

Por seu lado, a questão da Declaração de Bolonha não foi incluída da mesma forma que está noutras propostas porque, segundo Miguel Duarte, seria um grande erro: "O sistema português não tem maturidade para o aplicar".

A questão do princípio da universalidade, consagrado pelo ensino superior, foi também incluída nos princípios fundamentais do sistema educativo. A proposta do governo prevê um numerus clausus geral. Porém a proposta da AAC opta pelo artigo da lei de bases em vigor, que é a progressiva extinção do numerus clausus. O resto da proposta foi uma escolha dos diversos projectos dos grupos

parlamentares de modo a encontrar o "documento ideal pois a proposta do governo está longe de o ser".

Miguel Duarte afirmou que uma das intenções desta proposta é demonstrar que o movimento associativo, neste caso a AAC, não critica sem apresentar soluções: "Apresentamos alternativas e apresentamos um projecto de lei, não deixando as nossas alternativas e propostas no ar, nem falando de coisas que não poderão ser exequíveis na própria lei".

Quanto à apresentação da proposta aos grupos parlamentares, Miguel Duarte refere que os diversos grupos estavam abertos à proposta, "foi um compromisso que todos assumiram". Sublinha também que havia uma preocupação de todos os grupos parlamentares em criar uma lei de bases de consenso, à semelhança da anterior: "É importante que esta proposta esteja em cima da mesa, pois se funcionasse como noutros processos de discussão na especialidade, era a proposta de lei do governo que ia

avante e ponto final".

No final Miguel Duarte afirma que é possível criar uma Lei de Bases do Sistema Educativo que seja consensual e que seja um contributo para o processo de consolidação da legislação do ensino superior "senão vamos ter uma lei de bases que será alterada de governo para governo".

Augusto Santos Silva, deputado do PS, em comentário à proposta da DG/AAC referiu que "parece uma boa contribuição". Tocando no ponto da participação e democraticidade do ensino, o deputado salienta que "este é um ponto comum". No entanto, em relação à questão das propinas, Augusto Santos Silva afirma que discorda pois "o PS é favorável às propinas". Também João Oliveira, do PCP, afirma que qualquer "intervenção da comunidade educativa é bem vinda". Referindo-se à proposta da DG/AAC salienta alguns "pontos positivos" que "defendem o sistema de ensino público", acrescentando que "coincidem com propostas do partido".

LINHA SOS-ESTUDANTE (TODOS OS DIAS - DAS 20H À 01H)

808 200 204

